

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves **2016**

57

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Economia Criativa no Espírito Santo

Painel de Indicadores

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

**TEXTO PARA
DISCUSSÃO** | **57**

ECONOMIA CRIATIVA NO ESPÍRITO SANTO

Painel de Indicadores

Instituto Jones dos Santos Neves

TD – 57

Diretora Presidente

Andreza Rosalém Vieira

Diretor de Estudos e Pesquisas

Ana Carolina Giuberti

Coordenador de Estudos Econômicos

Victor Nunes Toscano

Elaboração

Angela Maria Morandi

Pesquisadora

Colaboração

Estefania Ribeiro da Silva

Coordenação de Estudos Econômicos - CEE

Antônio Ricardo Freislebem da Rocha

Escritório de Projetos

Bibliotecária

Andreza Ferreira Tovar

Assessoria de Relacionamento Institucional

Compilação dos dados

Cleverlano Silva Gomes

Coordenação de Estatística

Parceria

Secretaria de Estado da Cultura do

Espírito Santo - SECULT

Editoração

Eugênio Herkenhoff

Assessoria de Relacionamento Institucional

Grafitti da Capa

Pichiavo

Instituto Jones dos Santos Neves

Economia criativa no Espírito Santo. Painel de Indicadores.
Vitória, ES, 2016.

60p. il. tab. (Texto para discussão, 57)

1.Economia Criativa..2.Indicadores Econômicos. 3.Espírito Santo(Estado)
I.Morandi, Angela Maria. II.Título. III.Série.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Jones dos Santos Neves ou da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento do Governo do Estado do Espírito Santo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	08
2. ORIGENS DA ECONOMIA CRIATIVA	09
3. DIMENSIONAMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA	14
4. ECONOMIA CRIATIVA NO ESPÍRITO SANTO	24
4.1 Valor Adicionado Bruto da Economia Criativa	24
4.2 O Segmento Formal da Economia Criativa	25
4.2.1 Recorte setorial	25
4.2.2 Recorte ocupacional	27
4.2.3 A Economia Criativa nos municípios capixabas	29
4.3 A Economia Criativa Formal e Informal	32
4.3.1 Dimensão da Economia Criativa no Espírito Santo	32
4.3.2 Faixa etária	38
4.3.3 Posição na ocupação	40
4.3.4 Massa salarial	43
4.3.5 Rendimento médio do trabalho	45
4.3.6 Escolaridade	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE - Como medir a Economia Criativa	53

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Classificação da Unctad para as Indústrias Criativas	14
Quadro 1 - Segmentos da Economia Criativa selecionados para o Espírito Santo	15
Quadro 2 - Classificação dos setores da Economia Criativa no Espírito Santo - CNAE 2.0	17
Quadro 3 - Recortes de mensuração da Economia Criativa	19
Quadro 4 - Comparativo entre as estatísticas da RAIS e da PNADC	20
Quadro 5 - Classificação setorial da Economia Criativa segundo a PNADC	21
Quadro 6 - Classificação ocupacional da Economia Criativa segundo a Rais	22
Quadro 7 - Classificação ocupacional da Economia Criativa segundo a Rais	22
Quadro 8 - Comparativo do número de setores e de ocupações das principais fontes	23
Quadro 9 - Distribuição dos empregos formais entre setores e ocupações criativos, 2014	25
Figura 2 - Etapas da metodologia utilizada no trabalho	53

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Participação dos vínculos formais da Economia Criativa nos municípios do Espírito Santo, 2014 (%)	30
Mapa 2 - Participação da massa salarial da Economia Criativa nos municípios do Espírito Santo, 2014 (%).....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação da Economia Criativa no VAB do Espírito Santo, 2010/2013 (%)	24
Gráfico 2 - Número de trabalhadores formais na Economia Criativa Capixaba, 2011/2014	25
Gráfico 3 - Participação do número de trabalhadores formais da Economia Criativa Capixaba, 2011/2014 (%).....	25
Gráfico 4 - Evolução do número de trabalhadores formais, 2011/2014 (2011 = 100,0)	26
Gráfico 5 - Trabalhadores formais por faixa etária, 2014 (%)	26
Gráfico 6 - Remuneração média dos trabalhadores formais, 2011/2014 (R\$/mês)	27
Gráfico 7 - Número de trabalhadores formais criativos no Espírito Santo, 2011/2014	27
Gráfico 8 - Remuneração média dos trabalhadores formais, 2011/2014 (R\$/mês)	28
Gráfico 9 - Remuneração média dos trabalhadores formais, recortes setorial e ocupacional, 2014 (R\$/mês)	29
Gráfico 10 - Escolaridade dos trabalhadores formais criativos, 2014 (%).....	29
Gráfico 11 - Pessoal Ocupado na Economia Criativa, Espírito Santo, 2012/2016 (mil pessoas).....	33
Gráfico 12 - Pessoal Ocupado na Economia Criativa, Espírito Santo, média móvel, 2012/2016 (mil pessoas).....	33
Gráfico 13 - Participação da Economia Criativa no Pessoal Ocupado total, 2012/2016 (%).....	34
Gráfico 14 - Participação da Economia Criativa no Pessoal Ocupado total, média móvel, 2012/2016 (%)...	34
Gráfico 15 - Evolução do número de trabalhadores da Economia Criativa, 2012/2016 (2012:1 = 100,0).....	35
Gráfico 16 - Evolução do número de trabalhadores da Economia Criativa, média móvel, 2012/2016 (2012:4 = 100,0).....	35
Gráfico 17 - Evolução do número de trabalhadores dos demais setores, 2012/2016 (2012:1 = 100,0)	36
Gráfico 18 - Evolução do número de trabalhadores dos demais setores, 2012/2016 (2012:1 = 100,0)	36
Gráfico 19 - Evolução do número de trabalhadores, Espírito Santo, 2012/2016 (2012/1 = 100,0).....	37
Gráfico 20 - Evolução do número de trabalhadores, Espírito Santo, média móvel, 2012/2016 (2012/4 = 100,0).....	37
Gráfico 21 - Ranking de Unidades da Federação da participação de pessoas ocupadas na economia criativa, 2016 (%)	38
Gráfico 22 - Distribuição do Pessoal Ocupado da Economia Criativa por faixa etária, 2016/1 (%)	38
Gráfico 23 - Distribuição do Pessoal Ocupado por faixa etária, Espírito Santo, 2016/1 (%)	39
Gráfico 24 - Evolução da participação de jovens nos setores da Economia Criativa, 2016/1 (%)	39
Gráfico 25 - Evolução do percentual de informalidade do trabalho na Economia Criativa, 2016/1 (%)	40
Gráfico 26 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos setores criativos, 2016/1 (%)	41
Gráfico 27 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos demais setores, 2016/1 (%)	41
Gráfico 28 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação, Espírito Santo, 2016/1 (%)	42
Gráfico 29 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação na Economia Criativa, Espírito Santo, 2012-2016 (%)	42
Gráfico 30 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos demais setores, Espírito Santo, 2012-2016 (%).....	43
Gráfico 31 - Participação da massa salarial da Economia Criativa no total da massa salarial, 2012/2016 (%)	43
Gráfico 32 - Massa salarial da Economia Criativa do Espírito Santo, 2012/2016 (R\$ milhão)	44
Gráfico 33 - Evolução da massa salarial da Economia Criativa, 2012/2016 (2012 = 100).....	44
Gráfico 34 - Evolução da participação da economia Criativa no total da massa de rendimentos reais do trabalho principal, 2012/2016 (%).....	45
Gráfico 35 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado na Economia Criativa, 2012/2016 (R\$/mês).....	45
Gráfico 36 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado nos demais setores, 2012/2016 (R\$/mês).....	46
Gráfico 37 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado, 2016/1 (R\$/mês)	46
Gráfico 38 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado, 2016/1 (R\$/mês)	47

(continua)

LISTA DE GRÁFICOS (continuação)

Gráfico 39 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado na Economia Criativa, 2012/2016 (2012 = 100).....	47
Gráfico 40 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado nos demais setores, 2012/2016 (2012:1 = 100).....	48
Gráfico 41 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado, Espírito Santo, 2012/2016 (2012:1 = 100).....	48
Gráfico 42 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado por escala de salário mínimo, Espírito Santo, 2016 (%).....	49
Gráfico 43 - Evolução do rendimento real do trabalho principal da Economia Criativa (R\$ de 2016).....	49
Gráfico 44 - Ranking de Unidades da Federação do rendimento real do trabalho principal na economia criativa (R\$ de 2016).....	50
Gráfico 45 - Distribuição do Pessoal Ocupado na Economia Criativa por nível de escolaridade, 2016/1 (%)	50
Gráfico 46 - Distribuição do Pessoal Ocupado na Economia Criativa por nível de escolaridade, Espírito Santo, 2012-2016 (%)	51
Gráfico 47 - Rendimento médio na Economia Criativa por nível de escolaridade, 2016/1 (R\$/mês)	51

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é produzir um painel de indicadores que possa expressar, qualitativa e quantitativamente, a Economia Criativa no Espírito Santo. A escolha dos indicadores levou em consideração os atributos de confiabilidade, buscando-se fontes de estatísticas oficiais e concernentes ao tema; periodicidade, no mínimo anual, para permitir o acompanhamento em prazos não muito longos; comparabilidade, permitindo a comparação com outros estados da federação e mesmo com indicadores mundiais; e acessibilidade, para que sejam de fácil compreensão e atualização, buscando as informações mais recentes possíveis.

Esses indicadores irão permitir acompanhar a dinâmica desse importante segmento da economia capixaba e servir de base para a formulação das políticas públicas que possam ampliar a empregabilidade, a renda média e o conhecimento das pessoas nele inseridas.

A partir da escolha das melhores fontes estatísticas, buscou-se delimitar a abrangência dos indicadores, de forma a expressarem o máximo de diversificação e especificidades. Assim, os indicadores alcançam a caracterização setorial, ocupacional e territorial, além de abarcar tanto o trabalho formal quanto a totalidade das pessoas, com vínculos formais e informais.

A delimitação dos setores e das ocupações integrantes da Economia Criativa ainda não alcançou um consenso entre as instituições. Tanto o conceito quanto a sua classificação vêm sofrendo alterações e adaptações às realidades específicas de cada espaço geográfico no qual se pretende atuar. No caso do Espírito Santo, também foram levadas em consideração as especificidades locais no âmbito cultural e as características da estrutura econômica como base para a definição dos setores criativos integrantes da Economia Criativa capixaba.

O relatório está dividido em mais quatro partes, além dessa Introdução. Na segunda parte, há uma caracterização conceitual da Economia Criativa; na terceira, foram levantadas as dimensões da Economia Criativa, chegando-se à sua classificação em setores e definidas suas ocupações; na quarta, além de apresentar alguns aspectos metodológicos, foram selecionados e calculados os indicadores da Economia Criativa no Espírito Santo, incluindo comparações com as médias do sudeste e do Brasil. Por fim, um breve resumo das principais características da Economia Criativa capixaba.

2. ORIGENS DA ECONOMIA CRIATIVA

A formação do termo Economia Criativa, uma junção aparente entre elementos da economia e da criatividade, parece, à primeira vista, ser inerente às sociedades e ao ser humano de forma geral. A economia trata da capacidade de uma sociedade em produzir e distribuir bens e serviços, empregando determinadas tecnologias, com a consequente geração de ocupações e rendas; e a criatividade envolve capacidades cognitivas, inventividade, inteligência e talento das pessoas para criar, inventar, inovar, quer no campo artístico, quer no científico.

No entanto, o conceito abarca ideias inteiramente novas, desenvolvidas no contexto das recentes e rápidas transformações da economia global e sintetizadas pela intensificação da importância do conhecimento como recurso do sistema de produção. Nesse âmbito, são as ideias, ancoradas na utilização das novas tecnologias, que ganham destaque como geradoras de riquezas e de transformações sociais.

Embora em todas as atividades realizadas pelo homem sempre se encontra um grau maior ou menor de criatividade, os critérios adotados para a definição da Economia Criativa são mais específicos, incorporando aquelas manifestações humanas ligadas à arte em suas diferentes modalidades, seja do ponto de vista da criação artística em si, como pintura, escultura e artes cênicas, seja na forma de atividades criativas com viés de mercado, como design e publicidade.

O conceito central é a criatividade, embora não exista uma definição simples que englobe todas as várias dimensões desse fenômeno. De acordo com Unctad (2010, p. 3), as características da criatividade em diferentes áreas do empreendimento humano podem ser articuladas e inter-relacionadas em três dimensões: i) a criatividade artística, que envolve a imaginação e a capacidade de gerar ideias originais e novas maneiras de interpretar o mundo, expressas em texto, som e imagem; ii) a criatividade científica, que abarca a curiosidade para experimentar e fazer novas conexões ao solucionar problemas; e iii) a criatividade econômica, cujo processo dinâmico leva à inovação em tecnologia, práticas de negócio, marketing, etc., e está relacionada à aquisição de vantagens competitivas.

A definição de Economia Criativa e os limites de sua abrangência, sobretudo setorial, estão longe de um consenso, seja entre os estudiosos e debatedores sobre o tema, seja entre os diversos organismos espalhados pelo mundo que se dedicam a formular e implementar políticas voltadas para a sua dinamização. As divergências são justificadas pela singularidade de cada país e/ou região, que privilegia aqueles setores mais significativos e localmente mais expressivos quanto aos traços culturais de cada povo. Assim, a própria definição de economia criativa representa pouco se não for acompanhada da delimitação dos

setores que a compõem e esses refletem, necessariamente, as especificidades locais.

Os estudos relacionados à Economia Criativa tiveram início com o documento *Creative Nation*, lançado na Austrália em 1994, cujo teor serviu de base para uma política cultural para o país. O documento inovou ao expandir o conceito de cultura para além da concepção tradicional, ampliando sua abrangência ao abarcar televisão, rádio, mídias, patrimônio, indústrias culturais, cultura tradicional e turismo cultural. Ao incluir temas como educação, direitos autorais, incentivos à exportação e benefícios fiscais, o projeto atentava para a importância do trabalho criativo, a sua contribuição para a economia do país e o papel das tecnologias como aliadas da política cultural. Ao tratar a produção cultural nesse sentido amplo e como capital econômico, o *Creative Nation* alocou recursos vultosos para programas culturais, sobretudo em infraestruturas multimídias voltadas para a cultura digital. O extenso debate nacional em torno da política cultural, à época, apontou claramente para um novo paradigma de reposicionamento dos setores culturais para o centro da economia, por intermédio do conceito de criatividade.

Ao pioneirismo da Austrália, na institucionalização do conceito de criatividade como recurso econômico, seguiu-se o Reino Unido que efetivamente colocou em prática as primeiras políticas específicas para a Economia Criativa, originando o conceito de Indústria Criativa e, posteriormente, incorporando o conceito de Economia Criativa. Em 1997, logo após a eleição de Tony Blair ao cargo de Primeiro-Ministro, foi criado o Department of Culture, Media and Sports (DCMS), que seria responsável pelas políticas públicas relacionadas ao setor cultural, à mídia em todas as suas vertentes (imprensa, rádio, televisão e internet) e aos esportes. Seu objetivo principal seria revitalizar a economia britânica, haja vista a perda de dinamismo de suas indústrias de base, por meio do estímulo aos setores relacionados à criatividade e à inovação, de maneira a fortalecer sua economia no enfrentamento da acirrada competitividade do mercado global e melhorar a qualidade de vida de seus habitantes.

Segundo Flew e Cunningham (2010, p. 1), o legado do DCMS consubstancia-se em quatro grandes contribuições para o fomento das indústrias criativas, tanto no Reino Unido quanto em sua difusão para outros países europeus e outros continentes. A primeira contribuição foi a de estabelecer as indústrias criativas como foco principal da política econômica “pós-industrial” do Reino Unido, dada sua importância para a economia nacional, comprovada por meio das estatísticas sobre a formação do PIB (Produto Interno Bruto) e a geração de empregos. A segunda, por sua contribuição para o desenvolvimento da economia como um todo, tendência já identificada na política cultural nos Estados Unidos e na Austrália na década de 1990, e não apenas por seu valor intangível, simbólico e dependente de contribuições do setor público. A terceira contribuição foi fomentar a cultura, não somente do ponto de vista do subsídio e do patrocínio, mas como objeto de políticas de exportação,

propriedade intelectual, desenvolvimento urbano e educação. Por último, foi por destacar que as formas tradicionais de produção de bens criativos devem não apenas ser estimuladas, mas também envolver formas modernas de produção diretamente relacionadas às tecnologias da informação e de conhecimento, apontando as indústrias criativas como fundamentais para uma convergência entre tecnologia, sociedade da informação e a "nova economia".

O DCMS foi um dos primeiros a sistematizar a medição das atividades criativas, tornando-se marco de referência em nível internacional, e responsável pela realização de grandes eventos no país, como os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2012. Segundo Madeira (2014, p. 121), o conceito oficial britânico incluiu 13 setores como componentes das indústrias criativas - publicidade, arquitetura, artesanato, antiguidades, design, moda, audiovisual, música, artes performáticas, publicações, software, rádio e televisão e jogos eletrônicos – aos quais foi medida sua contribuição para a economia do país, consubstanciada no relatório *Creative Industries Mapping Document*, de 1998, cujo objetivo foi o de subsidiar a construção de políticas para as indústrias criativas, que constituiu a primeira tentativa de sistematizar as indústrias criativas no âmbito de uma economia nacional.

Após a definição e estruturação pioneira do governo britânico das atividades da Economia Criativa, o primeiro a tentar definir este conceito foi John Howkins, quando lançou em 2001 o livro *"The Creative Economy: How people make money from ideas"*, que estuda o relacionamento entre a criatividade, o simbólico e a economia e aponta como divisor de águas da Economia Criativa "o potencial de gerar direitos de propriedade intelectual expandindo sua abrangência dos direitos autorais para desenhos industriais, marcas registradas e patentes". Para esse autor, "a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é nova é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza" (UNCTAD, 2010, p. 9).

Como destaca Madeira (2014, p. 54), ao relacionar criatividade a ideias, Howkins define Economia Criativa como uma economia em que as pessoas passam grande parte do tempo tendo ideias, não quaisquer umas, mas aquelas que geram produtos comercializáveis. A transição do abstrato ao prático é de difícil apreensão, mas de forma geral, ocorre quando a ideia é identificada, aplicada e se torna uma propriedade. O produto criativo, em suma, deve atender a duas condições: resultar da criatividade e possuir reconhecido valor econômico.

Segundo Costa Caiado (2011), a Economia Criativa "engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos." Caracteriza-se por atividades

econômicas derivadas da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Dessa forma, associa o talento a objetivos econômicos, pois é, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico.

Com a ampliação do debate sobre Economia Criativa e sua importância para o mercado mundial, instituições ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU) - sobretudo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) e a Organização Mundial para a Propriedade Intelectual (Wipo) - dedicaram-se a investigar e discutir sua temática, por entenderem que investimentos nesses setores poderiam trazer importantes benefícios aos países em desenvolvimento.

Dentre essas instituições, destaca-se a Unctad, que amplia o âmbito do conceito de Economia Criativa, apresenta uma proposta inovadora de classificação dos setores em grupos de atividades afins e vem divulgando a importância sua como alternativa para os países, em qualquer etapa de desenvolvimento, diversificarem suas economias, apostando no potencial criativo de seus povos para agregar valor aos seus produtos, ao mesmo tempo em que valorizam sua cultura e ajudam a promover a diversidade.

Diferentemente dos estudos feitos no Reino Unido, fortemente focados nos direitos autorais, os realizados pela Unctad focalizam a questão da criatividade, verificando suas interações com a tecnologia e procurando subsidiar a elaboração de políticas que fomentem essa produção e estimulem a economia. A Unctad considera como integrantes da Economia Criativa desde alguns setores tradicionais até os mais intensivos em tecnologia. Nesse leque, encontram-se as expressões culturais tradicionais, equipamentos culturais, artes visuais, espetáculos ao vivo, design, novas mídias, audiovisual, publicações, arquitetura, propaganda e marketing. Como definição para as indústrias criativas, a Unctad (2010, p. 8) destaca que:

- São os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários;
- Constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual;
- Constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado;
- Posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais; e
- Constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial.

Ademais, a Unctad vê a Economia Criativa como um conceito ainda em construção, pelo fato de os próprios setores criativos viverem em contínua e acelerada transformação. Esses setores são baseados em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico, destacando que a Economia Criativa (UNCTAD, 2010, p. 10):

- Pode estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano.
- Abraça aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo.
- É um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral.
- É uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial.

No documento Unctad (2010, p. 10), são apontadas as justificativas e recomendações no sentido do reconhecimento e da importância da Economia Criativa, bem como dos estudos e análises da estrutura, da dinâmica e da evolução do conjunto de segmentos nela inseridos. Foram destacados quatro objetivos para as políticas públicas voltadas para a Economia Criativa:

- Reconciliar objetivos nacionais culturais com as políticas comerciais, tecnológicas e internacionais;
- Analisar e solucionar as assimetrias que inibem o crescimento das indústrias criativas, principalmente nos países em desenvolvimento;
- Reforçar o chamado “nexo criativo” entre investimento, tecnologia, empreendedorismo e comércio; e
- Identificar respostas de políticas inovadoras para estimular a Economia Criativa a fim de gerar ganhos de desenvolvimento.

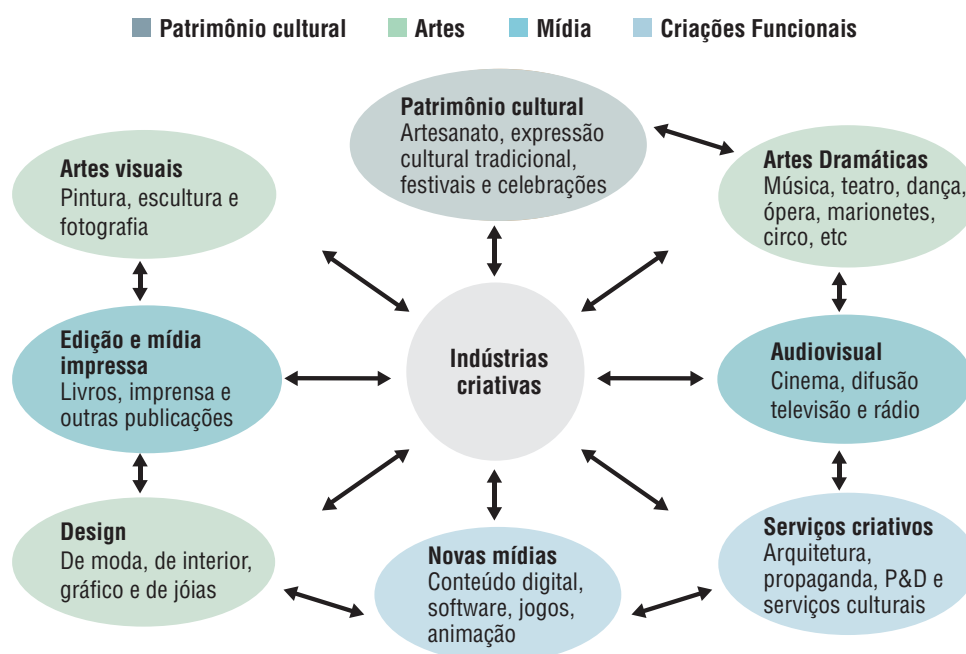
Assim, o conceito chama atenção para o papel da criatividade como uma força na vida econômica contemporânea, incorporando a proposição de que o desenvolvimento econômico e o cultural não são fenômenos separados, mas partem de um processo mais amplo de desenvolvimento sustentável, que podem ocorrer de forma sincronizada. Em particular, a ideia da Economia Criativa no mundo em desenvolvimento chama a atenção para os ativos criativos significativos e a amplitude da riqueza cultural. Os setores criativos que utilizam esses recursos não só permitem que os países realizem suas próprias histórias e projetem as suas próprias identidades culturais para si e para o mundo, mas também proporcionam a esses países uma fonte de crescimento econômico, criação de emprego e aumento da participação na economia global. Ao mesmo tempo, a Economia Criativa promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano.

3. DIMENSIONAMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA

O objetivo desta parte do trabalho é definir a composição dos setores considerados parte da Economia Criativa no Espírito Santo, levando-se em conta a base conceitual desenvolvida na parte anterior. Para tanto, foi avaliada uma série de modelos já propostos por diversas instituições que, por meio de uma análise crítica, serviu de base para a construção da matriz capixaba, levando em conta, evidentemente, as características estruturais locais. Cada modelo tem uma razão particular, dependendo de suposições sobre a finalidade e o modo de operação dos setores, e conduz a uma base distinta para a classificação do núcleo dos setores criativos.

A abordagem da Unctad para as indústrias criativas serviu como o principal modelo de referência, por apresentar um quadro em que classifica os setores em grandes grupos e mantém uma conformidade em relação aos produtos e serviços e aos mercados a que se destinam, evitando uma mera listagem de setores pouco conectados entre si (Figura 1).

Figura 1 - Classificação da Unctad para as Indústrias Criativas



Fonte: UNCTAD

A classificação por grupos facilita lidar com a heterogeneidade das atividades, por meio do fio condutor da criatividade, e amplia o próprio conceito de Economia Criativa ao permitir uma clara distinção entre os setores de atividades, desde aqueles mais enraizados no conhecimento tradicional e cultural, tais como artes cênicas, artesanato, festividades, até os mais orientados para o mercado e baseados em tecnologias, tais como audiovisual, publicidade ou atividades relacionadas às mídias, de mais fácil reprodução. “A partir desta perspectiva, as indústrias culturais formam um subconjunto das indústrias criativas” (OLIVEIRA, et al., 2013, p. 16).

De acordo a Unctad, as Indústrias Criativas compõem quatro grandes grupos - Patrimônio Cultural, Artes, Mídia e Criações Funcionais -, divididos de acordo com suas características distintas, que se desdobram em oito subgrupos. “A classificação proposta pela Unctad cobre o vazio deixado por diversos países e instituições que incluem várias indústrias sob o título de indústrias criativas, mas pouquíssimos tentam classificar essas indústrias em domínios, grupos ou categorias” (OLIVEIRA et al., 2013, p. 16).

No Brasil, são várias as instituições que já se debruçaram sobre o tema da Economia Criativa, organizando as estatísticas econômicas de acordo com critérios próprios e segundo seus objetivos nas pesquisas. Como objeto de análise comparativa, foram analisados os trabalhos desenvolvidos na Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), do Rio Grande do Sul (VALIATI, 2013); na Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), de São Paulo (COSTA CAIADO, 2011); e na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2014). No Espírito Santo, a Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), por meio do Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo (Ideies), desenvolveu uma metodologia especialmente voltada para as indústrias criativas, que também foi objeto de análise.

A partir da identificação das principais classificações existentes, foi possível construir uma metodologia para definir e delimitar a Economia Criativa para o estado do Espírito Santo. Importante destacar que a Secult (Secretaria de Estado da Cultura) realizou uma pesquisa, junto à classe criativa do Espírito Santo, com a finalidade de delimitar os segmentos da Economia Criativa que seriam beneficiados mais diretamente pela política implementada no Programa de Economia Criativa do governo estadual. Nessa pesquisa, foram indicados oito segmentos, identificados como Conceito Secult no Quadro 1. A partir da análise comparativa com as demais instituições, foram incluídos mais quatro (Conceito Ampliado), perfazendo 12 segmentos basilares da Economia Criativa capixaba.

Quadro 1 - Segmentos da Economia Criativa selecionados para o Espírito Santo

Conceito Secult	Conceito Ampliado
<ul style="list-style-type: none"> ■ Design 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Publicidade
<ul style="list-style-type: none"> ■ Teatro (artes cênicas) 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Artesanato 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Patrimônio e Artes
<ul style="list-style-type: none"> ■ Música 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Audiovisual 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Editorial
<ul style="list-style-type: none"> ■ TIC 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Festas e Celebrações 	<ul style="list-style-type: none"> ■ P&D
<ul style="list-style-type: none"> ■ Gastronomia 	

Fonte: Elaboração do autor

Determinados os segmentos, passou-se à definição das atividades econômicas desenvolvidas no interior de cada segmento, o que exigiu um esforço de compatibilização das estatísticas disponíveis. As estatísticas econômicas dos países são organizadas de maneira a mensurar adequadamente as atividades econômicas e a atuação das empresas sediadas em seu território. O Brasil utiliza a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE), desenvolvida pela Receita Federal com orientação técnica do IBGE. A CNAE está de acordo com a *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities* (Isic), coordenada pela ONU. Em seus anexos, a CNAE traz tabelas de conversão de códigos que permitem comparar as atividades brasileiras aos dados disponibilizados pela Isic e por órgãos de outros países que adotam classificações padronizadas.

Assim, foram realizados dois trabalhos distintos com as atividades econômicas. O primeiro dedicou-se a adaptar as classes de atividades indicadas pelos órgãos que estudaram o tema da Economia Criativa (encontradas em diferentes padrões) para a CNAE 2.0, a base principal utilizada para a definição dos setores criativos no Espírito Santo. O segundo trabalho consistiu na elaboração de uma lista de atividades consideradas criativas concernentes aos setores definidos de acordo com os critérios adotados pela Secult e pela classificação ampliada. Nessa etapa, foi analisada a natureza das atividades econômicas consideradas pelos diversos estudos como criativas e observadas as características específicas da economia capixaba e da dinâmica de seus setores criativos.

Cabe ressaltar que, em função das especificidades da cultura e da estrutura produtiva local, foram incluídas atividades exclusivas ao Espírito Santo, não encontradas nas demais instituições pesquisadas. Assim, foram acrescentadas, além de uma atividade no segmento Artesanato, todas as atividades consideradas criativas concernentes aos segmentos de Gastronomia e de Festas e Celebrações.

Com a adoção desse critério, foram privilegiadas as atividades diretamente relacionadas à criatividade e à cultura. A classificação adotada restringiu-se a atividades essencialmente criativas, não incluindo aquelas ligadas à fabricação e à comercialização de bens criativos. Assim, as atividades classificadas nos doze segmentos totalizaram 54 classes de atividades econômicas, agrupadas de acordo com suas semelhanças. O Quadro 2 mostra o detalhamento das atividades selecionadas pela Secult e pelo IJSN (Instituto Jones dos Santos Neves), bem como o comparativo com as demais instituições pesquisadas.

Quadro 2 - Classificação dos setores da Economia Criativa no Espírito Santo - CNAE 2.0

Segmento	Listagem Secult/IJSN		Comparativo com outras instituições				
	Código	Descrição CNAE 2.0	Unctad	Firjam	Fundap	FEE	Ideies
Design	71111	Serviços de arquitetura					
	71197	Atividades técnicas relacionadas à arquitetura e engenharia					
	81303	Atividades paisagísticas					
	32116	Lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria					
	32124	Fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes					
	74102	Design e decoração de interiores					
Teatro (artes cênicas)	85929	Ensino de arte e cultura					
	90019	Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares					
	90027	Criação artística					
	90035	Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas					
Artesanato	23494	Fabricação de produtos cerâmicos não-refratários não especificados anteriormente					
	16293	Fabricação de artefatos de madeira, palha, cortiça, vime e material trançado não especificados anteriormente, exceto móveis					
Música	32205	Fabricação de instrumentos musicais					
	59201	Atividades de gravação de som e de edição de música					
Audiovisual	59111	Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão					
	59120	Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão					
	59138	Distribuição cinematográfica, de vídeo e de programas de televisão					
	59146	Atividades de exibição cinematográfica					
	60101	Atividades de rádio					
	60217	Atividades de televisão aberta					
	60225	Programadoras e atividades relacionadas à televisão por assinatura					
	74200	Atividades fotográficas e similares					
TIC	62015	Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda					
	62023	Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis					
	62031	Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador não-customizáveis					
	62040	Consultoria em tecnologia da informação					
	62091	Suporte técnico, manutenção e outros serviços em tecnologia da informação					

CONCEITO SECULT

Fonte: Elaboração do autor

Continua

Quadro 2 - Classificação dos setores da Economia Criativa no Espírito Santo - CNAE 2.0

Continuação

Listagem Secult/IJSN			Comparativo com outras instituições				
Segmento	Código	Descrição CNAE 2.0	Unctad	Firjam	Fundap	FEE	Ideies
Festas e celebrações	77390/03	Aluguel de palcos, coberturas e outras estruturas de uso temporário, exceto andaimes					
	82300	Serviços de organização de feiras, exposições, congressos e festas					
	77217	Aluguel de equipamentos recreativos e esportivos					
	74901/05	Agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas					
	94936	Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte					
Gastronomia	56112	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas					
	56201	Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada					
	56121	Serviços ambulantes de alimentação					
Publicidade	73114	Agências de publicidade					
	73122	Agenciamento de espaços para publicidade, exceto em veículos de comunicação					
	73190	Atividades de publicidade não especificadas anteriormente					
	73203	Pesquisas de mercado e de opinião pública					
Patrimônio e Artes	91015	Atividades de bibliotecas e arquivos					
	91023	Ativ. de museus e de exploração, rest. art. e cons. de prédios históricos e atrações similares					
Editorial	58115	Edição de livros					
	58221	Edição de jornais integrados à impressão					
	58123	Edição de jornais					
	58131	Edição de revistas					
	58191	Edição de cadastros, listas e de outros produtos gráficos					
	58212	Edição integrada à impressão de livros					
	58221	Edição integrada à impressão de jornais					
	58239	Edição integrada à impressão de revistas					
	58298	Edição integrada à impressão de cadastros, listas e de outros produtos gráficos					
P&D	72207	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências sociais e humanas					
	72100	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais					

Fonte: Elaboração do autor

Além da caracterização setorial, a Economia Criativa pode ser mensurada do ponto de vista das ocupações criativas. Em 2002, com a publicação de *The Rise of the Creative Class*, Florida criou o termo “classes criativas” para denominar o grupo de ocupações profissionais,

científicas e artísticas, cuja característica principal é utilizar a criatividade e o simbólico em suas atividades produtivas.

Uma ampla interpretação da criatividade constitui a base das descrições de Florida da emergente “classe criativa” na sociedade, cuja presença gera dinamismo econômico, social e cultural. Mais especificamente, a classe criativa inclui pessoas que fazem parte dos campos da ciência e engenharia, arquitetura e design, educação, artes, música e entretenimento, cuja função econômica é criar ideias, novas tecnologias e conteúdos criativos. “Sejam eles artistas ou engenheiros, músicos ou cientistas de informática, escritores ou empreendedores, esses trabalhadores compartilham um etos criativo comum, que valoriza a criatividade, individualidade, diferença e mérito. Em suma, eles são pessoas que acrescentam valor econômico por meio da criatividade. Os valores da classe criativa são a individualidade, meritocracia, diversidade e abertura” (UNCTAD, 2010, p. 10).

Assim, a Economia Criativa pode ser mensurada tanto a partir do enfoque setorial, o qual privilegia se o setor é criativo ou não, quanto do enfoque ocupacional, em que o interesse recai sobre a ocupação do trabalhador, se é típica da Economia Criativa ou não. Uma junção entre esses dois recortes resulta em quatro situações diferentes, conforme ilustrado no Quadro 3.

A primeira situação expressa o conjunto de trabalhadores criativos ocupados nos setores igualmente criativos, denominados por Florida de “criativos especializados”, o caso de um radialista em uma emissora de rádio; a segunda engloba os trabalhadores criativos alocados em setores cuja atividade-fim não é criativa, denominados de “criativos embutidos”, como um arquiteto no setor da construção civil; a terceira situação é a das “ocupações de apoio”, que são aqueles trabalhadores em ocupações não criativas nos setores criativos, como, por exemplo, um contador em um museu; e, por último, todas as “outras ocupações”, no qual nem a ocupação nem a empresa estão no campo da Economia Criativa. Evidentemente, as totalizações são diferentes, mas pode-se usar os dois filtros para analisar o mesmo fenômeno.

Quadro 3 - Recortes de mensuração da Economia Criativa

	Emprego em setores criativos	Emprego em outros setores	Recorte ocupacional
Emprego nas ocupações criativas	Criativos especializados	Criativos embutidos	Total de ocupações criativas
Emprego em outras ocupações	Ocupações de apoio	Outras ocupações	Total de ocupações não criativas
Recorte setorial	Emprego total nos setores criativos	Emprego total em outros setores	TOTAL GERAL

Fonte: Florida, adaptado de Oliveira, 2013, p. 24.

A determinação do tamanho da Economia Criativa do Espírito Santo passa, necessariamente, pelo preenchimento do Quadro 3. Assim, o passo seguinte consistiu na busca das fontes estatísticas adequadas para se passar efetivamente à mensuração da Economia Criativa capixaba e ao detalhamento de suas principais características. Nesse aspecto, foram utilizadas duas fontes estatísticas básicas, detalhadas a seguir.

A primeira fonte relaciona as informações relativas ao mercado de trabalho formal, cujas estatísticas estão disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que tem por objetivo o suprimento às necessidades de controle da atividade trabalhista no país, além do provimento de dados para a elaboração de estatísticas do trabalho. Esse banco de dados fornece informações anuais sobre o número de vínculos empregatícios formalmente registrados pelas empresas, além de características que ajudam a descrever o perfil dos profissionais e das empresas classificadas como criativas, sendo que estes dados são decompostos até ao nível municipal, incluindo classe econômica e ocupação, faixa etária, grau de instrução, tempo de serviço e faixa de rendimento médio.

A segunda fonte de informações utilizada permite analisar todo o mercado de trabalho - inclusive o emprego informal, importante *locus* das pessoas que atuam em atividades artísticas e criativas. Trata-se da PNADC - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - do IBGE, que fornece dados estatísticos trimestrais, para o nível dos estados da federação, sobre características demográficas e socioeconômicas da população, como tamanho e condição de domicílio da população, educação, trabalho, rendimento, entre outros temas, com base em uma amostragem de domicílios. Ambas as fontes fornecem informações valiosas, porém não são comparáveis. As principais características de cada uma estão no Quadro 4.

Quadro 4 - Comparativo entre as estatísticas da RAIS e da PNADC

Características	RAIS	PNADC
Abrangência territorial	Estado e municípios	Estado
Origem dos dados	Empresas	Domicílios
Periodicidade	Anual	Trimestral
Publicação	2 anos de defasagem	Imediata
Abrangência setorial/emprego	Setor formal	Setores formal e informal
Base de classificação setorial	CNAE 2.0	CNAE Domiciliar
Base de classificação ocupacional	CBO 2002	CBO Domiciliar

Fonte: Elaboração do autor

No recorte setorial, os dados da Rais já obedecem à classificação da CNAE 2.0 e, portanto, são obtidos diretamente conforme a listagem do Quadro 2, na qual foram identificados 54 setores da Economia Criativa. Para o caso da PNADC, foi necessário um esforço de compatibilização dos setores, haja vista que a sua classificação está baseada na CNAE Domiciliar (versão resumida da CNAE 2.0), com menor detalhamento e, portanto, mais adensamento entre as atividades. O Quadro 5 resume as atividades consideradas para fins estatísticos da Economia Criativa no Espírito Santo, particularizadas para cada setor, totalizando 25 classes de atividades.

Quadro 5 - Classificação setorial da Economia Criativa segundo a PNADC

Setor	Descrição CBO Domiciliar
Design	Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas; paisagismo, fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes
Teatro (artes cênicas)	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
Artesanato	Fabricação de produtos cerâmicos, artefatos têxteis, produtos de madeira
Música	Fabricação de instrumentos musicais
Audivisual	Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão, gravação de som e de música
TIC	Atividades dos serviços de tecnologia da informação
Festas e celebrações	Atividades de organização de eventos, de recreação e lazer
Gastronomia	Restaurantes e estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas
Publicidade	Publicidade e pesquisas de mercado e opinião pública
Patrimônio e Artes	Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental
Editorial	Edição e Edição integrada à impressão
P&D	Pesquisa e desenvolvimento científico

Fonte: Elaboração do autor

No caso do recorte ocupacional, importam as profissões dos trabalhadores, independentemente de qual setor esteja vinculado. Assim, outro esforço metodológico foi elaborar uma classificação das ocupações criativas, utilizando-se a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO 2002. Como a base estatística proveniente dos dados da Rais vale-se da mesma classificação, foram identificadas 304 ocupações consideradas criativas, agrupadas em cada segmento, que serão consideradas para a mensuração da Economia Criativa no Espírito Santo, conforme resumo no Quadro 6.

Quadro 6 - Classificação ocupacional da Economia Criativa segundo a Rais

Setor	Descrição CBO-2002
Design	Arquiteto, desenhista, projetista, modelista, relojoeiro, ourives
Teatro (artes cênicas)	Produtor de teatro, diretor teatral, cenógrafo de teatro, ator, bailarino, coreógrafo, artista de circo, professores de artes, de literatura, de música
Artesanato	Artesão, ceramista, tecelão, redeiro, bordador, cesteiro
Música	Tecnólogo em produção fonográfica, compositor, músico, regente, intérprete, confeccionador e restaurados de instrumentos musicais
Audiovisual	Autor-roteirista, crítico, comentarista, locutor, repórter, fotógrafo, produtor, diretor
TIC	Gerentes, engenheiros, programadores e analistas na área de tecnologia da informação, computação, sistemas de informação, redes de comunicação, multimídia
Festas e celebrações	Cenógrafo carnavalesco, de festas populares e de eventos, organizador de evento, cerimonialista, apresentador de eventos
Gastronomia	Chefe de cozinha, enólogo, cozinheiro, barman, barista, confeitiro, degustador
Publicidade	Diretores e gerentes de marketing, comunicação, mídia, publicitário
Patrimônio e Artes	Diretor de serviços culturais, urbanista, arqueólogo, bibliotecário, museólogo
Editorial	Produtor de texto, repórter, escritor, editor, programador visual
P&D	Diretor e gerente de P&D, pesquisadores, arqueólogo, filósofo, bioengenheiro

Fonte: Elaboração do autor

Por sua vez, a PNADC utiliza a base de dados da CBO Domiciliar, uma versão bastante resumida e adensada para classificar as profissões. Foi possível identificar 63 ocupações criativas distribuídas setorialmente, conforme resumidamente listadas no Quadro 7.

Quadro 7 - Classificação ocupacional da Economia Criativa segundo a Rais

Setor	Descrição CBO-Domiciliar
Design	Arquitetos, desenhistas, joalheiros e lapidadores
Teatro (artes cênicas)	Artistas plásticos, bailarinos e coreógrafos, diretores, atores
Artesanato	Ceramistas, artesãos, modistas, tapeceiros
Música	Músicos, cantores e compositores, confeccionadores e afinadores de instrumentos musicais
Audiovisual	Locutores, fotógrafos, desenhistas gráficos e de multimídia, programadores, administradores de sistemas, instaladores e reparadores em tecnologias da informação e comunicações
Festas e celebrações	Organizadores de conferências e eventos
Gastronomia	Chefes de cozinha, cozinheiros, confeitiros
Publicidade	Dirigentes de publicidade e relações públicas
Patrimônio e Artes	Gerentes de centros esportivos, de diversão e culturais, arquivologistas, bibliotecários
Editorial	Escritores, jornalistas
P&D	Dirigentes de pesquisa e desenvolvimento

Fonte: Elaboração do autor

O Quadro 8 sintetiza as duas fontes básicas utilizadas para fins de medição da Economia Criativa no Espírito Santo, cujas estatísticas serão analisadas na próxima parte do trabalho.

Quadro 8 - Comparativo do número de setores e de ocupações das principais fontes

Segmento	Base RAIS		Base PNADC	
	Setor	Ocupação	Setor	Ocupação
Design	6	27	3	6
Teatro (artes cênicas)	4	43	1	8
Artesanato	2	62	3	11
Música	2	21	1	2
Audiovisual	8	30	3	3
TIC	7	15	3	16
Festas e celebrações	5	6	3	1
Gastronomia	3	16	3	5
Publicidade	4	11	2	3
Patrimônio e Artes	2	15	1	4
Editorial	9	13	1	3
P&D	2	45	1	1
DTotal	54	304	25	63

Fonte: Elaboração do autor

4 - ECONOMIA CRIATIVA NO ESPÍRITO SANTO

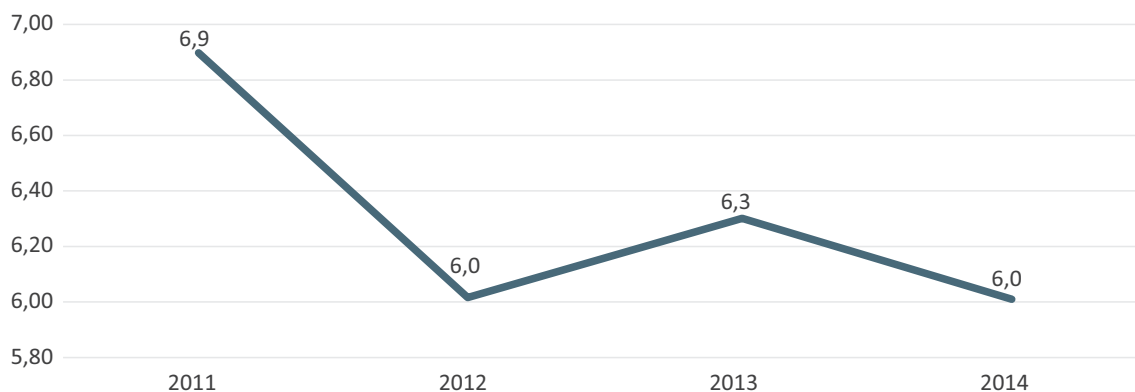
A discussão sobre o conceito de Economia Criativa e o detalhamento dos procedimentos metodológicos teve como objetivo mensurar o conjunto de setores e de ocupações, que compõem a Economia Criativa, na economia capixaba. Essa parte do trabalho apresenta as estatísticas organizadas em gráficos e mapas que mostram como têm evoluído os indicadores da Economia Criativa no Espírito Santo, destacando-se suas principais características, evolução do número de pessoas ocupadas e da massa salarial, idade, condição na ocupação, renda média e escolaridade. Procurou-se, ainda, tecer uma série de comparações com os demais setores da economia e, em alguns casos, com as médias dos estados do sudeste e do Brasil.

4.1 - VALOR ADICIONADO BRUTO DA ECONOMIA CRIATIVA

Para o cálculo da participação do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Economia Criativa capixaba, utilizou-se uma classificação distinta das apresentadas na seção anterior, CNAE e CBO, em função das particularidades que envolvem o próprio cálculo do VAB, que se utiliza de uma classificação particular para as atividades econômicas. De todos os setores que compõem o VAB, foram consideradas para expressar a importância da Economia Criativa no Espírito Santo, as seguintes atividades: artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços das famílias produtoras; atividade cinematográfica/vídeo/gravação som; atividades artísticas, culturais e ambientais; atividades dos serviços de tecnologia da informação e dos serviços de informação; atividades profissionais, científicas e técnicas; atividades profissionais, científicas e técnicas, administração e serviços complementares das famílias produtoras; edição de livros, jornais, revistas; serviços de alimentação; serviços de alimentação das famílias produtoras; e serviços de rádio e televisão.

A participação dos setores considerados criativos no VAB capixaba tem se situado na casa acima dos 6%, com pequenas oscilações.

Gráfico 1 - Participação da Economia Criativa no VAB do Espírito Santo, 2010/2013 (%)



Fonte: IBGE/Pnad 2014. Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

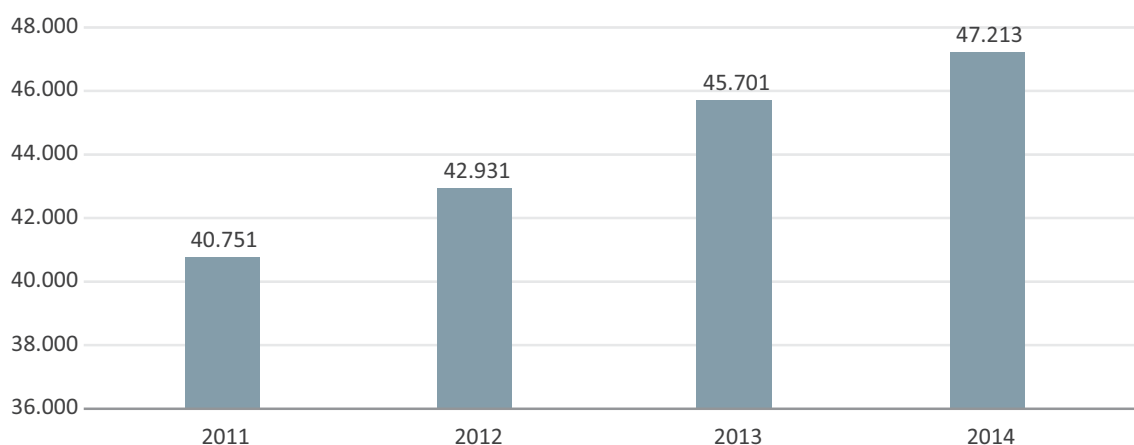
4.2 - O SEGMENTO FORMAL DA ECONOMIA CRIATIVA

O tamanho e as especificidades do trabalho formal na Economia Criativa podem ser derivados de dois recortes: o setorial, que procede do levantamento referente aos setores das atividades que compõem a Economia Criativa; e o ocupacional, cuja distinção recai sobre a ocupação criativa, independentemente de qual setor esteja vinculada.

4.2.1 - RECORTE SETORIAL

Com base no recorte setorial, observa-se que a participação do emprego formal gerado nos setores da Economia Criativa cresceu gradativamente, entre 2011 e 2014, tendo atingido 47,2 mil trabalhadores, o que representou 4,9% do total de empregos formais na economia capixaba em 2014. Enquanto o emprego na Economia Criativa teve um crescimento de 3,3%, os demais setores cresceram 1,3%, entre 2011 e 2014.

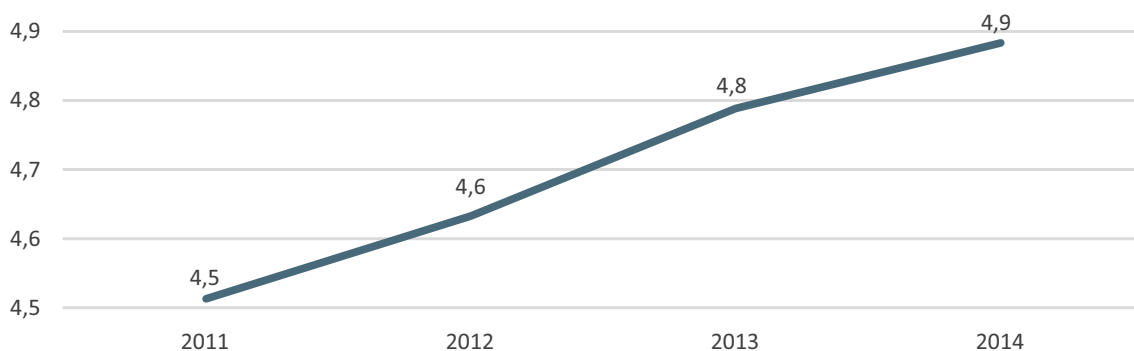
Gráfico 2 - Número de trabalhadores formais na Economia Criativa Capixaba, 2011/2014



Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

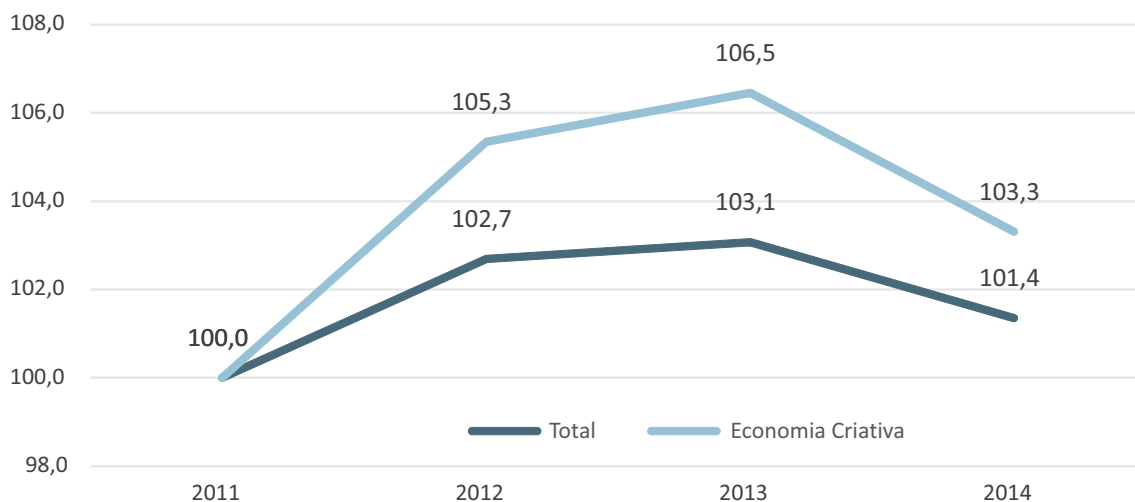
Gráfico 3 - Participação do número de trabalhadores formais da Economia Criativa Capixaba, 2011/2014 (%)



Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 4 - Evolução do número de trabalhadores formais, 2011/2014 (2011 = 100,0)

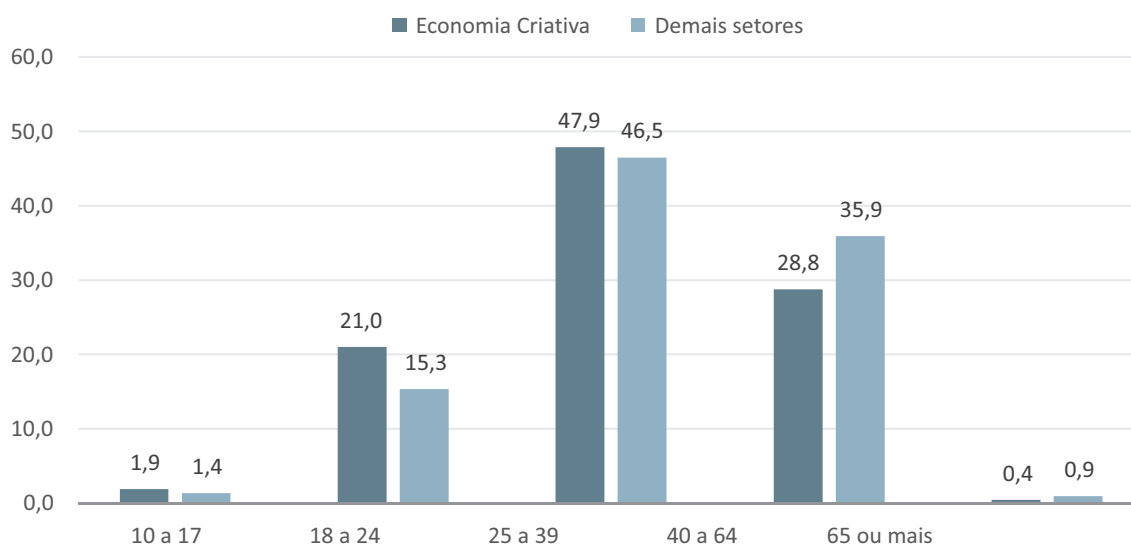


Fonte: RAIS/MTE
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Os trabalhadores vinculados aos setores criativos são mais jovens, com média de 34,0 anos de idade, do que os trabalhadores formais nos demais setores da economia, que apresentam uma média de 36,4 anos de idade. A distribuição entre as faixas etárias comprova esse diferencial.

Os trabalhadores empregados na Economia Criativa com até 39 anos representavam 70,8% do total, em 2014, enquanto os dos demais setores da economia perfaziam 63,2%.

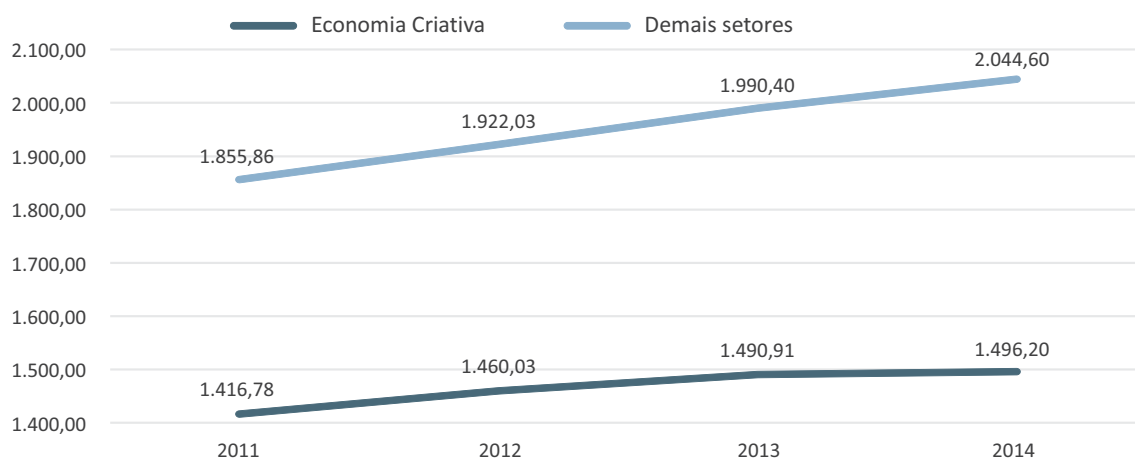
Gráfico 5 - Trabalhadores formais por faixa etária, 2014 (%)



Fonte: RAIS/MTE
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Por outro lado, os trabalhadores vinculados aos setores da Economia Criativa atingem níveis menores de remuneração, comparados aos trabalhadores vinculados aos demais setores. Em 2014, a remuneração média foi de R\$ 1.496,20, para os vinculados à Economia Criativa, e de R\$ 2.044,60, para os demais trabalhadores, o que representa 36,7% a mais.

Gráfico 6 - Remuneração média dos trabalhadores formais, 2011/2014 (R\$/mês)

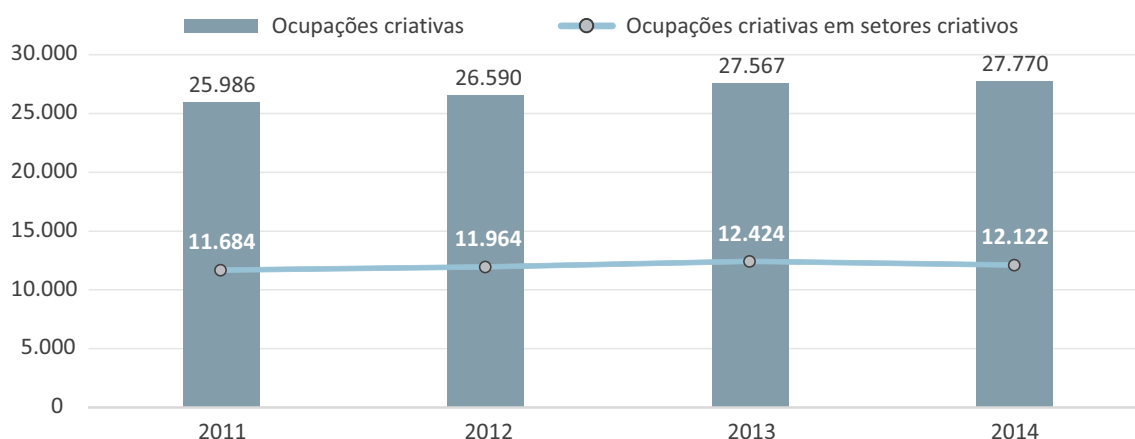


Fonte: RAIS/MTE / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

4.2.2 - RECORTE OCUPACIONAL

Pelo recorte ocupacional, os trabalhadores criativos podem ter seus vínculos empregatícios em qualquer setor da economia. Os demais profissionais, da mesma forma, podem estar vinculados a todos os setores, seja como pessoal de apoio nos setores criativos, seja como os demais trabalhadores dos outros setores. O Espírito Santo contava com 27,8 mil trabalhadores criativos, em 2014, sendo 12,1 mil empregados diretamente nos setores criativos e 15,7 mil atuando em outros setores.

Gráfico 7 - Número de trabalhadores formais criativos no Espírito Santo, 2011/2014



Fonte: RAIS/MTE / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

Em 2014, para cada emprego criativo, havia 2,9 empregos de apoio nos setores criativos. Nos demais setores, essa relação se eleva de 1 para 57,8.

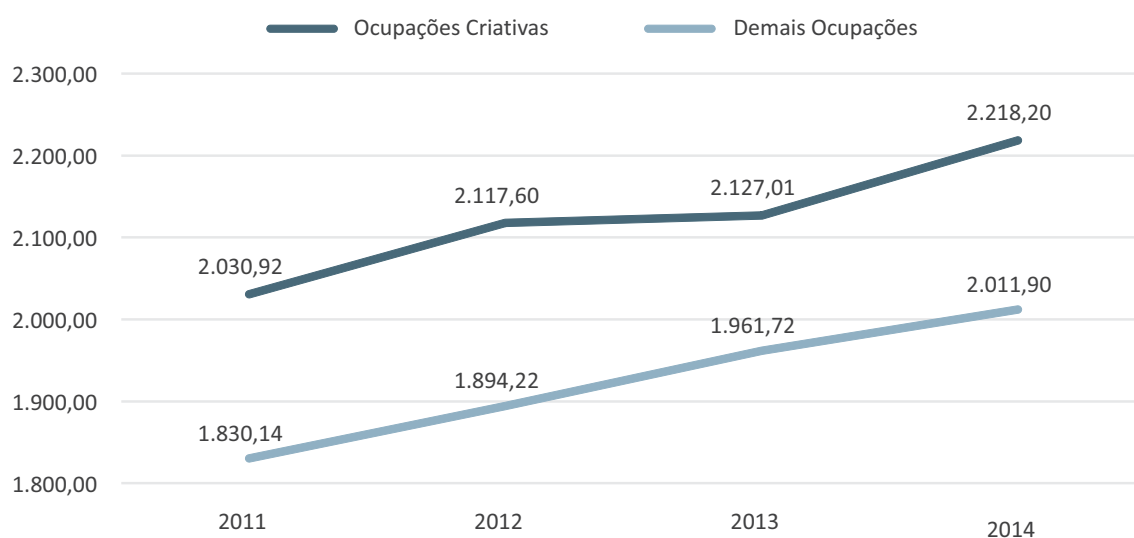
Quadro 9 - Distribuição dos empregos formais entre setores e ocupações criativos, 2014

	Emprego em setores criativos	Emprego em outros setores	Recorte ocupacional
Emprego nas ocupações criativas	12.122	15.648	27.770
Emprego em outras ocupações	35.091	904.867	939.958
Recorte setorial	47.213	920.515	967.728

Fonte: RAIS/MTE
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

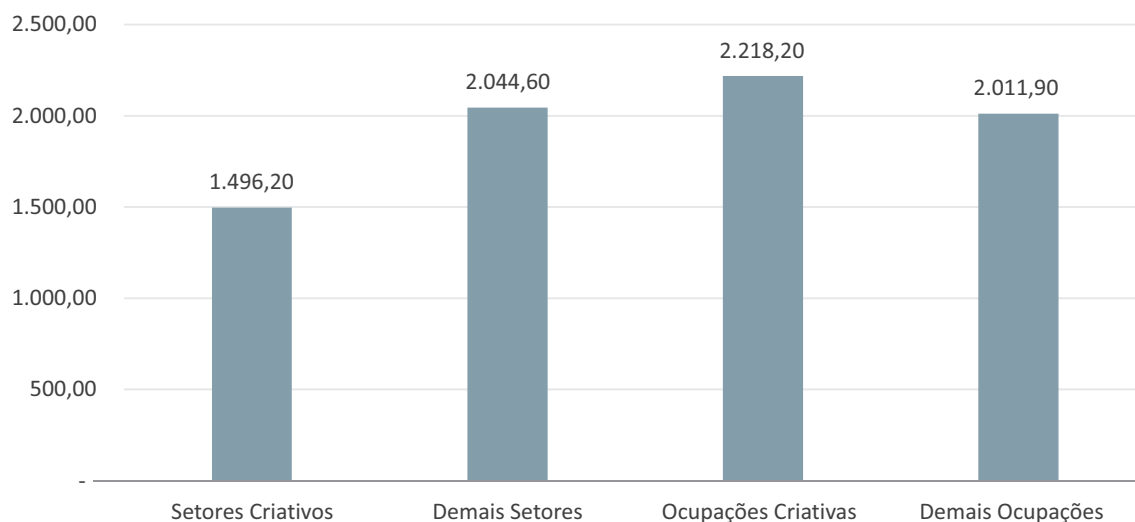
Os trabalhadores criativos percebem, em média, salários mais elevados que os trabalhadores nas demais ocupações.

Gráfico 8 - Remuneração média dos trabalhadores formais, 2011/2014 (R\$/mês)



Fonte: RAIS/MTE
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

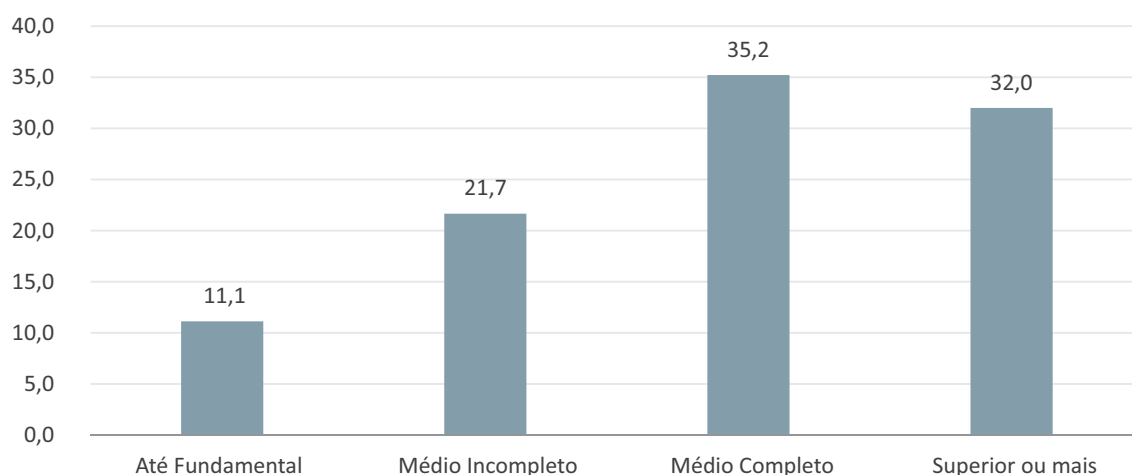
Gráfico 9 - Remuneração média dos trabalhadores formais, recortes setorial e ocupacional, 2014 (R\$/mês)



Fonte: RAIS/MTE / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

Nota-se um elevado grau de escolaridade dos trabalhadores criativos, sendo que 35,2%, em 2014, havia completado o equivalente ao ensino médio e 32,0% possuíam o grau universitário ou mais.

Gráfico 10 - Escolaridade dos trabalhadores formais criativos, 2014 (%)

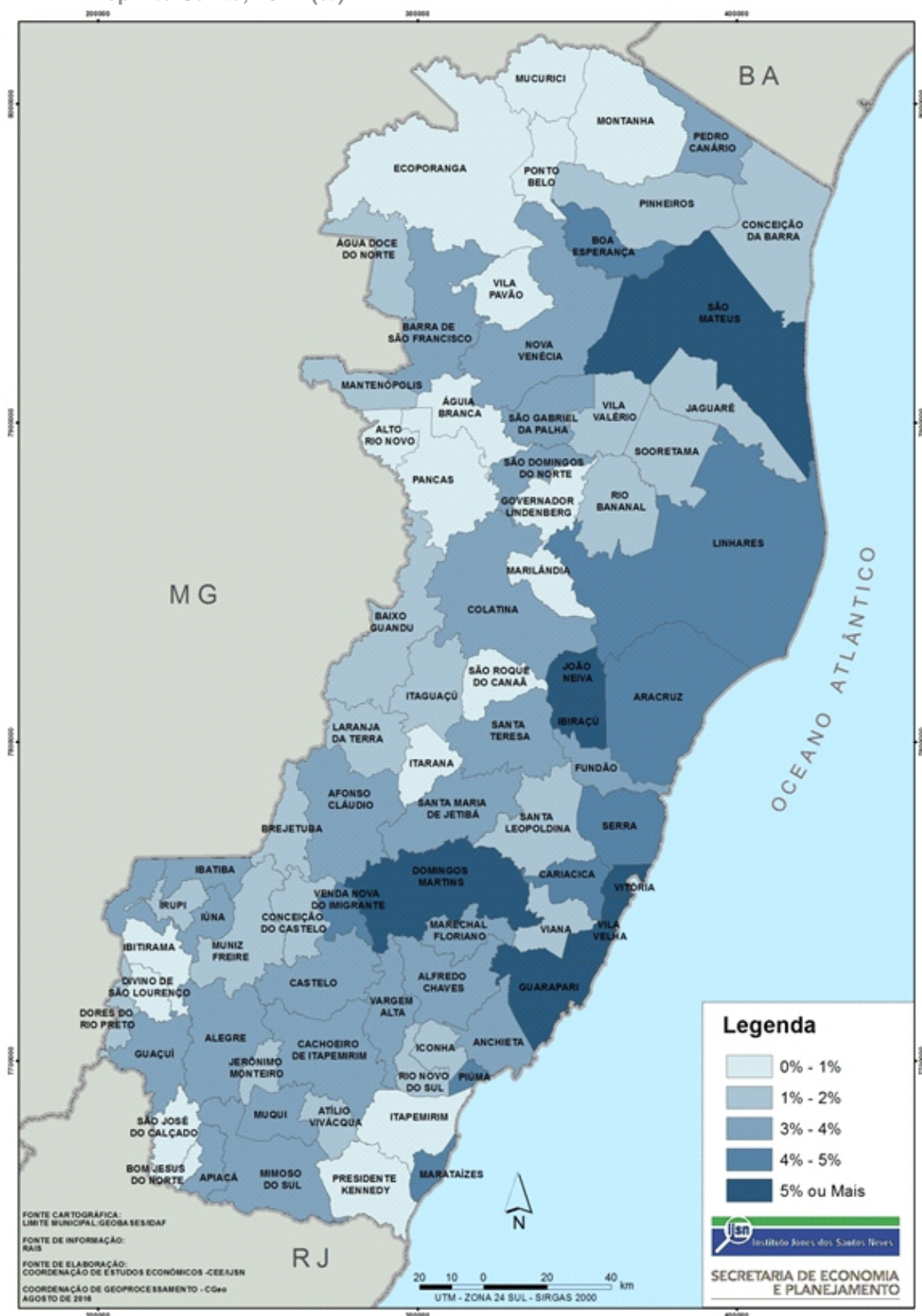


Fonte: RAIS/MTE / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

4.2.3 - A ECONOMIA CRIATIVA NOS MUNICÍPIOS CAPIXABAS

Os dados da Rais também permitem a espacialização das estatísticas ao nível dos municípios estaduais. O Mapa 1 traz informações a respeito da participação dos vínculos formais no total do emprego de cada município, para o ano de 2014, destacando-se três municípios da Microrregião Metropolitana e quatro nas demais microrregiões. A participação da massa salarial da Economia Criativa no total, destaca-se nos municípios de Ibiraçu, Guarapari e Domingos Martins (Mapa 2)

Mapa 1 - Participação dos vínculos formais da Economia Criativa nos municípios do Espírito Santo, 2014 (%)



Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

4.3 - A ECONOMIA CRIATIVA FORMAL E INFORMAL

Os indicadores setoriais da Economia Criativa obtidos por meio da PNADC são mais indicados para o acompanhamento da mensuração da Economia Criativa e das mudanças que podem ocorrer em seu interior por duas fortes razões: a primeira é pela atualidade das suas informações, já que são divulgadas trimestralmente e, praticamente, sem defasagem de tempo; a segunda, por incorporar a totalidade dos trabalhadores, sejam os formalmente contratados, sejam aqueles que operam de maneira informal nessas atividades. A seguir são apresentados esses indicadores que serão atualizados imediatamente após a publicação de cada nova edição da PNADC.

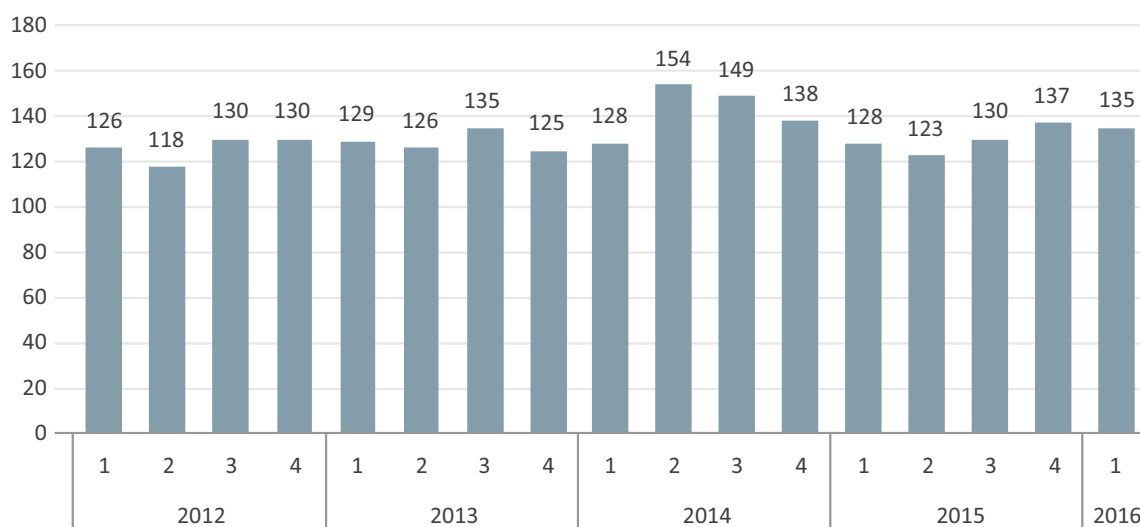
4.3.1 - DIMENSÃO DA ECONOMIA CRIATIVA NO ESPÍRITO SANTO

A Economia Criativa no Espírito Santo passa a ser mais expressiva quando se inclui a totalidade dos trabalhadores formais e informais. A participação se eleva substancialmente, embora apresente intensa variação, registrando-se desde 6,5%, no segundo trimestre de 2012, até 8,3%, no segundo semestre de 2014. Importante notar que as variações foram bem maiores se comparadas às variações para a média dos estados do sudeste, mínimo de 8,5% e máximo de 9,8%, e dos estados brasileiros, mínimo de 7,5% e máximo de 8,5%. Enquanto há uma sincronia na evolução da Economia Criativa do sudeste e da média brasileira, no Espírito Santo as variações são mais intensas e abruptas, até mesmo em relação aos demais setores.

A instabilidade do emprego na Economia Criativa do Espírito Santo é muito mais acentuada do que a média dos demais setores da economia. Há um componente conjuntural que atua como um colchão de mola, se amoldando às variações do nível de ocupação nos demais setores. Quando cresce o total de trabalhadores nos demais setores, ocorre uma redução do número de trabalhadores da Economia Criativa e vice-versa. Isso denota que o componente estrutural dos setores criativos é mais frágil, com mais facilidade de entradas e saídas de pessoas atuando em suas atividades. Essa grande variabilidade pode ser efeito de a amostra ser pequena para o estado. Esse problema foi, em parte, sanado com a apresentação da estatística tanto em sua forma original apurada em cada trimestre, quanto pelo uso das médias móveis quadrimestrais. Dessa maneira, os valores apresentados nos gráficos que indicam o uso da média móvel foram definidos a partir do cálculo da média simples do trimestre considerado e dos três trimestres imediatamente anteriores. Cabe ressaltar ainda que esta técnica busca captar as tendências no setor ao longo destes últimos trimestres, suavizando possíveis flutuações aleatórias encontradas na série, que propagam os componentes cíclicos, sazonais e de tendência subjacentes.

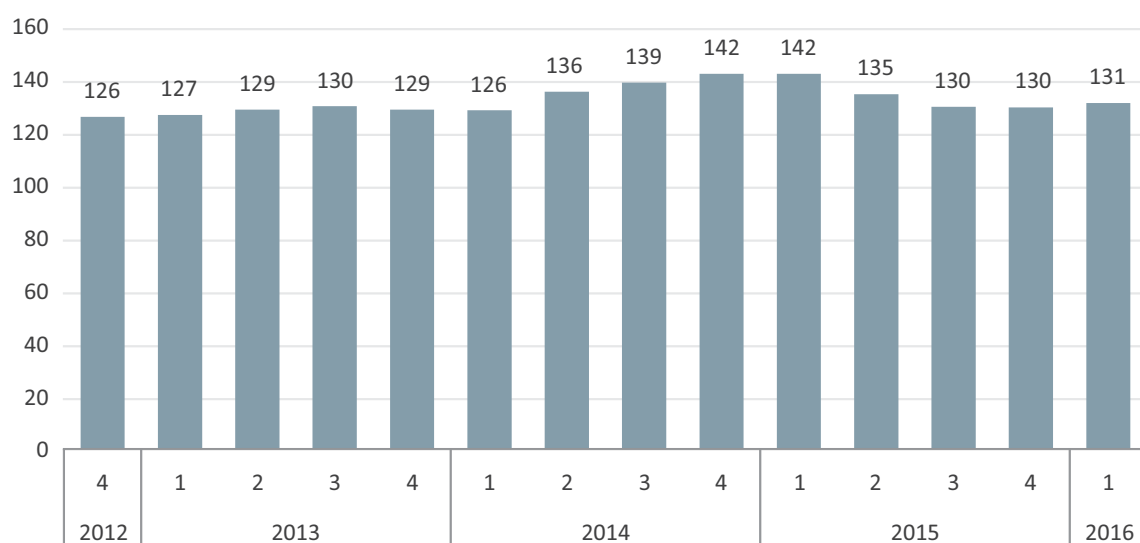
Além das variações conjunturais, constata-se que a Economia Criativa no Espírito Santo é, proporcionalmente, menor que a do sudeste e até mesmo que a média brasileira.

Gráfico 11 - Pessoal Ocupado na Economia Criativa, Espírito Santo, 2012/2016 (mil pessoas)



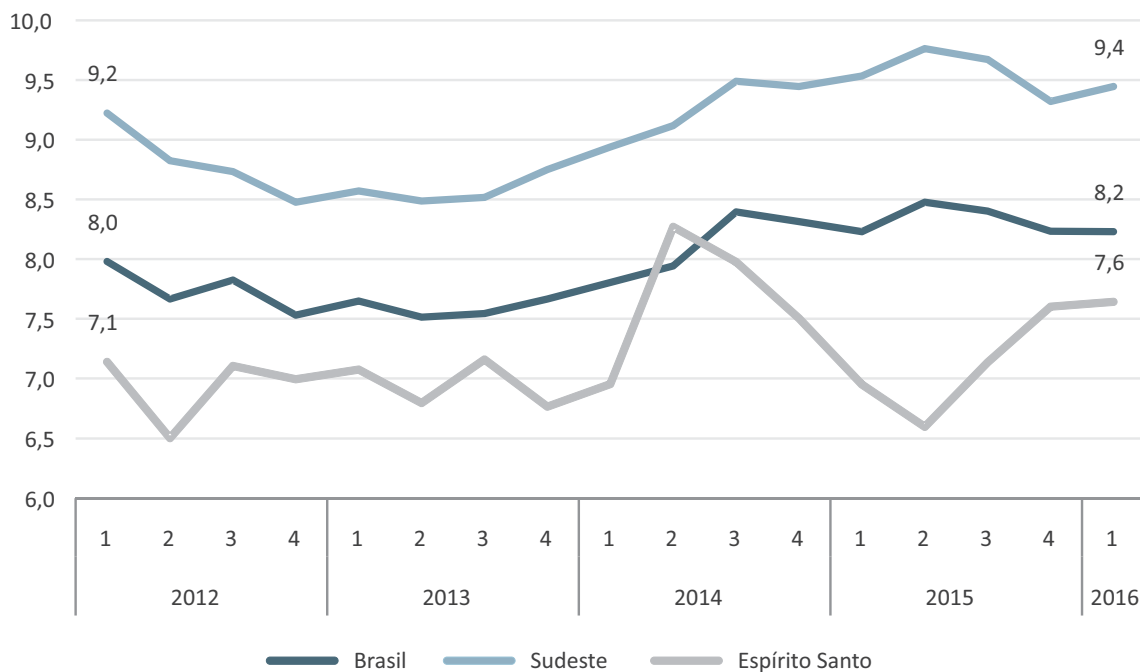
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 12 - Pessoal Ocupado na Economia Criativa, Espírito Santo, média móvel, 2012/2016 (mil pessoas)



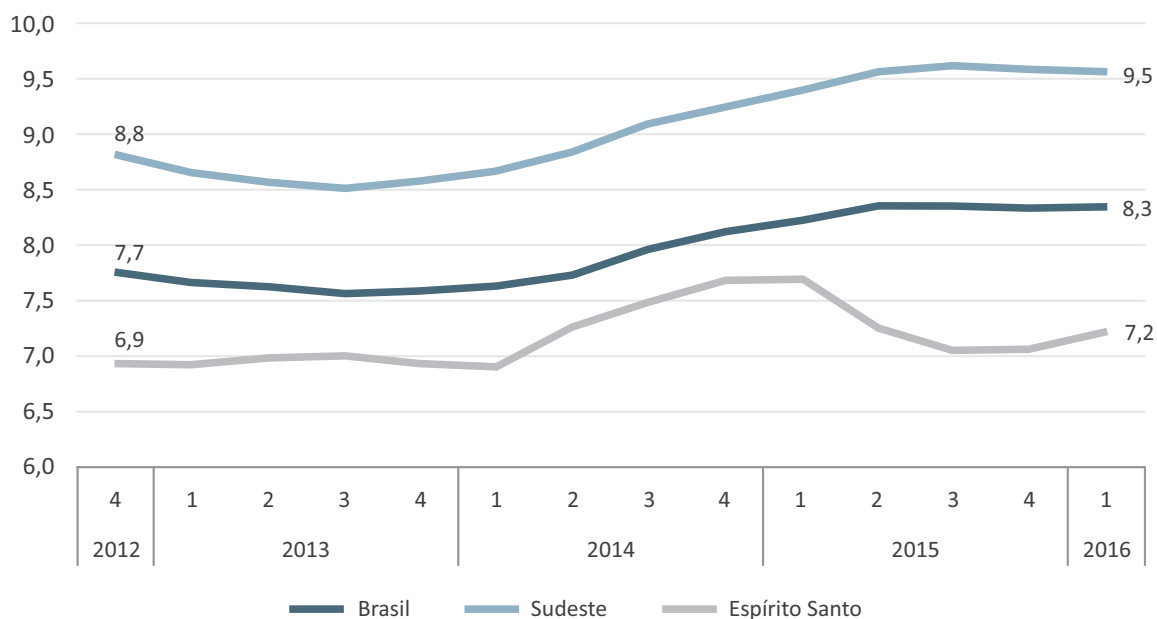
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 13 - Participação da Economia Criativa no Pessoal Ocupado total, 2012/2016 (%)



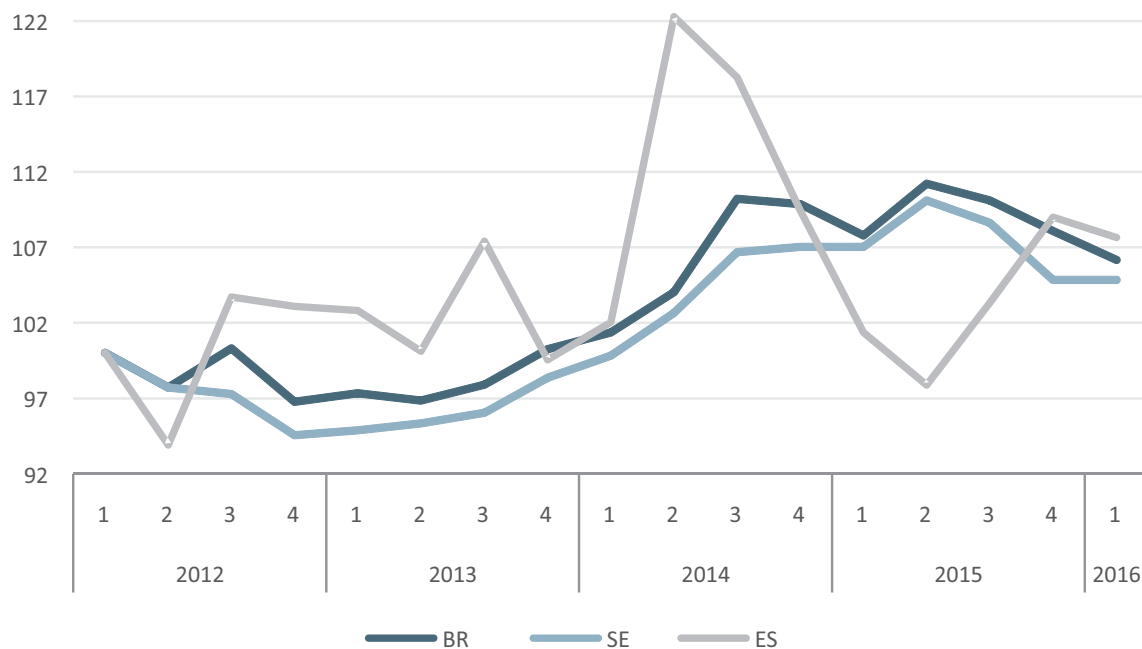
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 14 - Participação da Economia Criativa no Pessoal Ocupado total, média móvel, 2012/2016 (%)



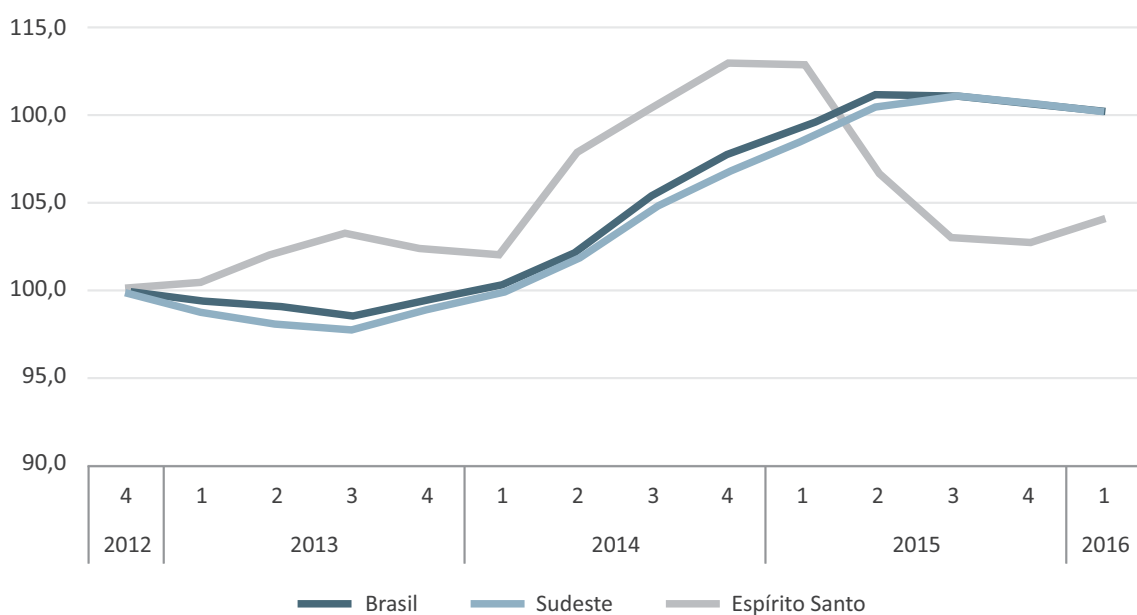
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 15 - Evolução do número de trabalhadores da Economia Criativa, 2012/2016
(2012:1 = 100,0)



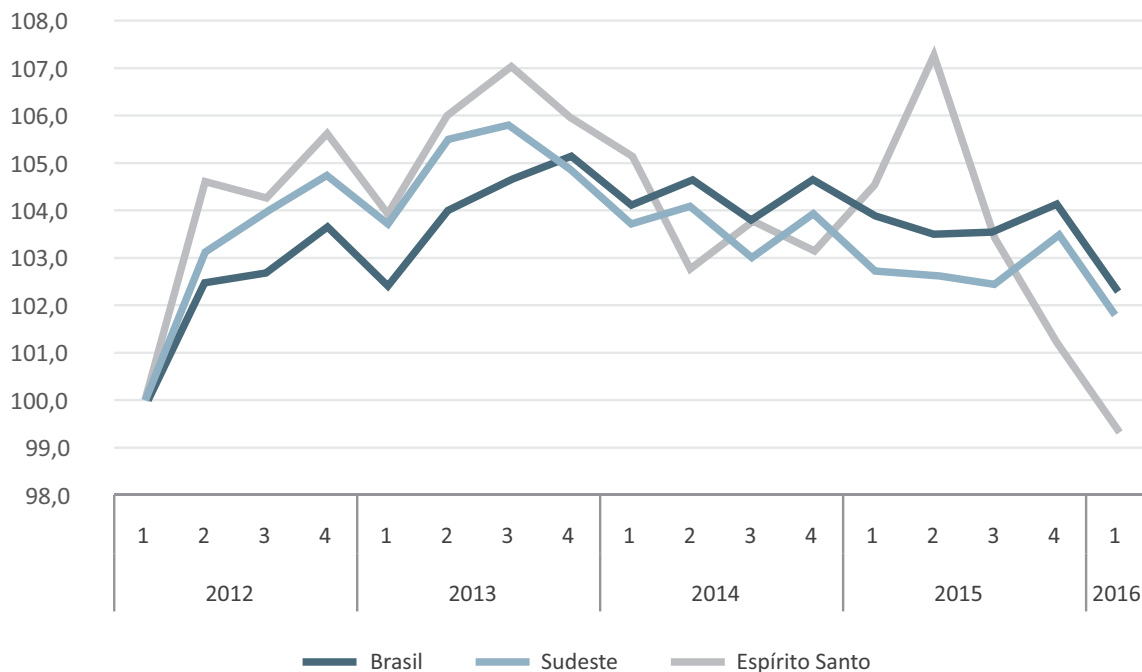
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 16 - Evolução do número de trabalhadores da Economia Criativa, média móvel, 2012/2016
(2012:4 = 100,0)



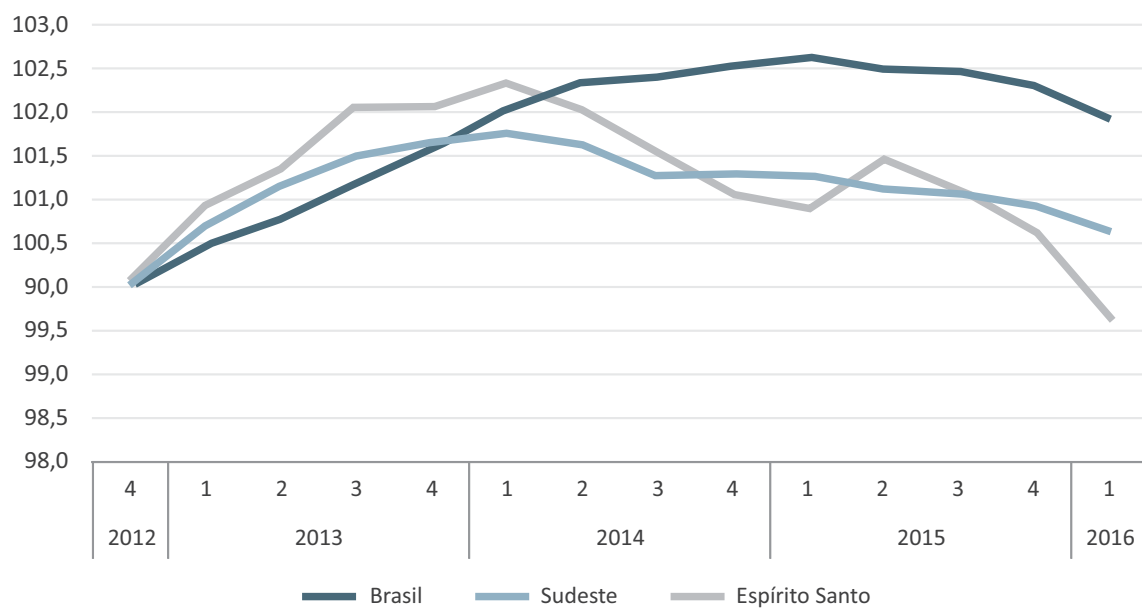
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 17 - Evolução do número de trabalhadores dos demais setores, 2012/2016
(2012:1 = 100,0)



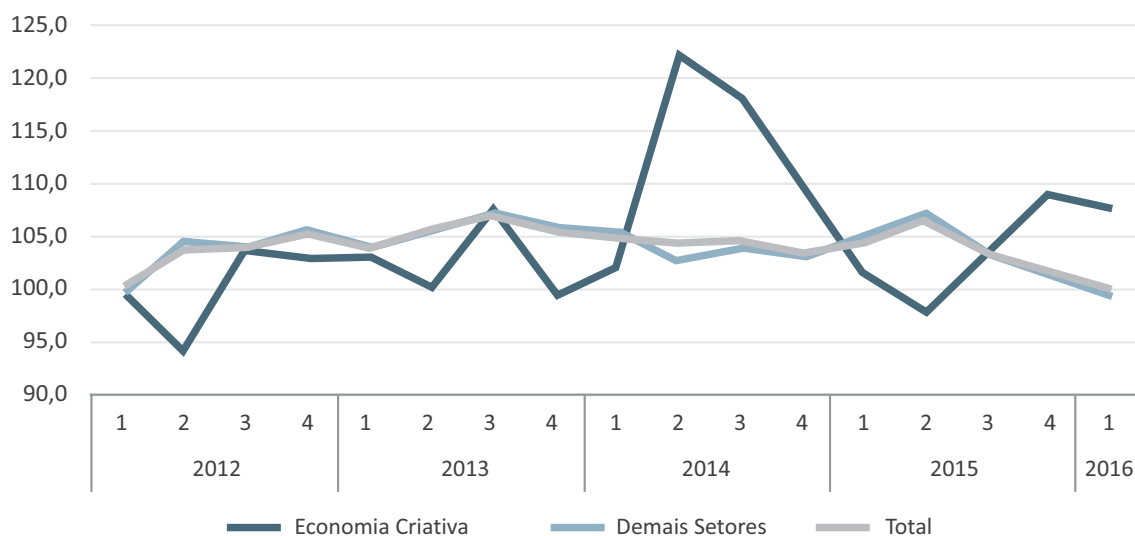
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 18 - Evolução do número de trabalhadores dos demais setores, média móvel
2012/2016 (2012:4 = 100,0)



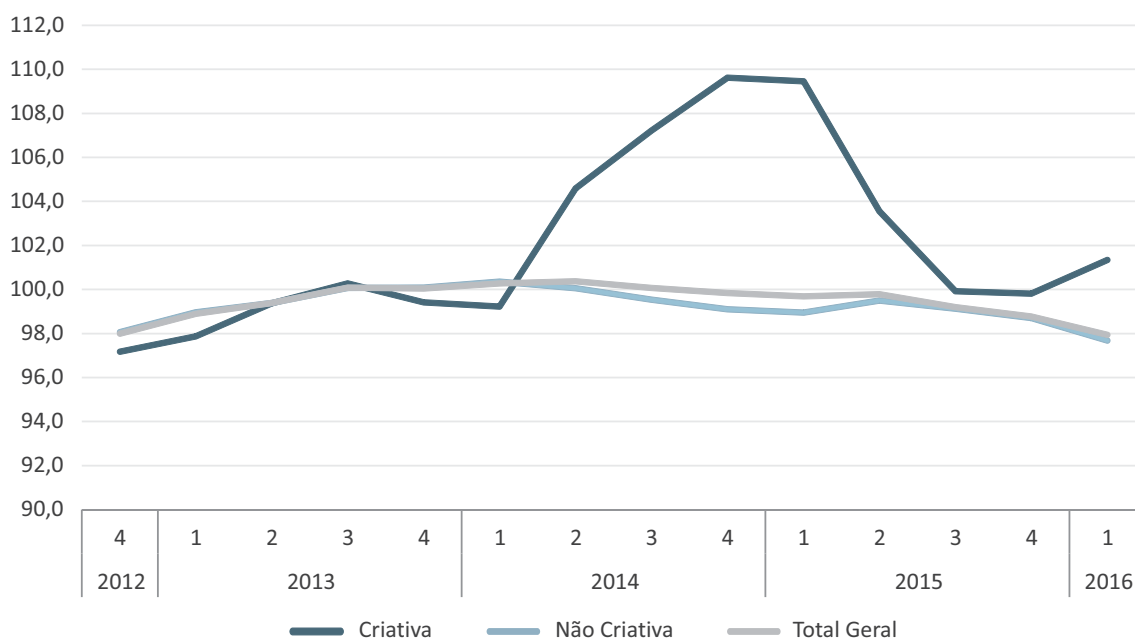
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 19 - Evolução do número de trabalhadores, Espírito Santo, 2012/2016
(2012/1 = 100,0)



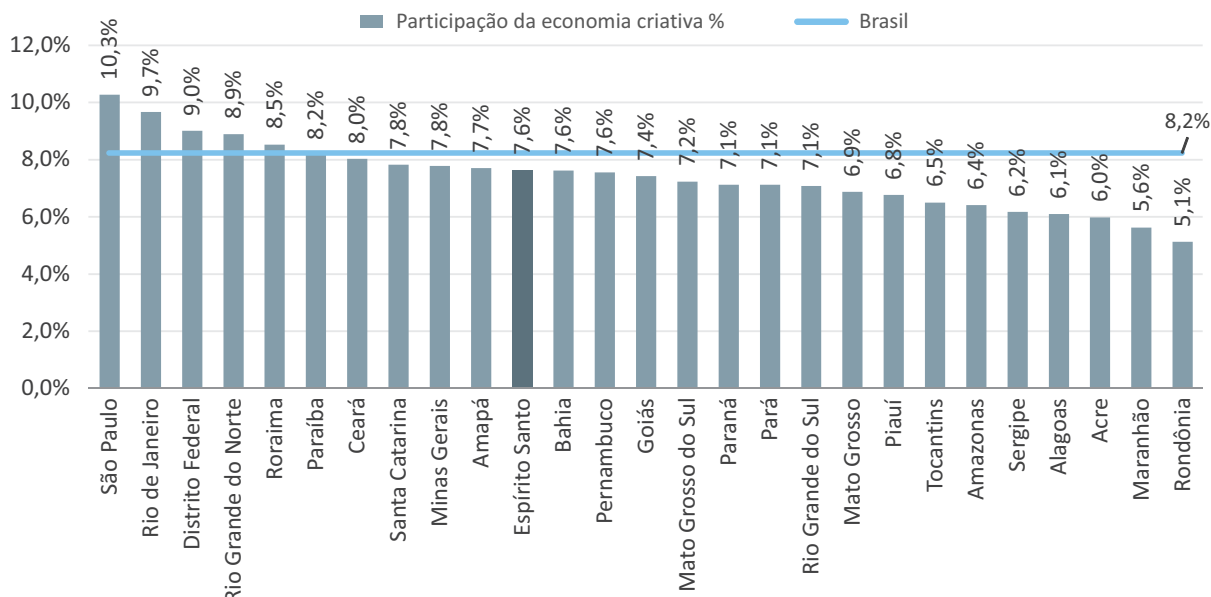
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 20 - Evolução do número de trabalhadores, Espírito Santo, média móvel, 2012/2016 (2012/4 = 100,0)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 21 - Ranking de Unidades da Federação da participação de pessoas ocupadas na economia criativa, 2016 (%)



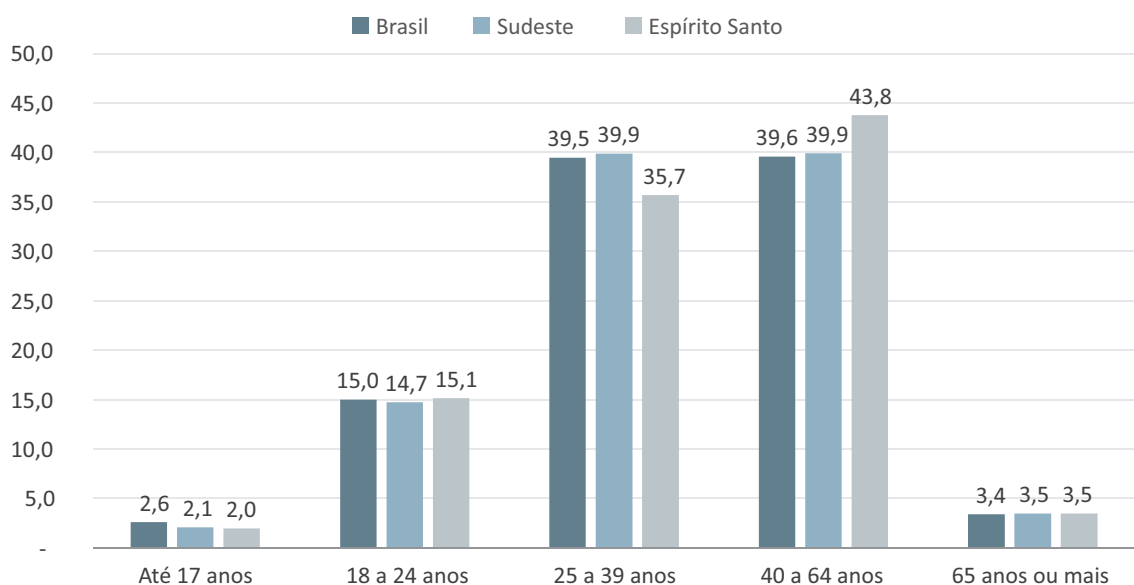
Fonte: PNADC

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

4.3.2 - FAIXA ETÁRIA

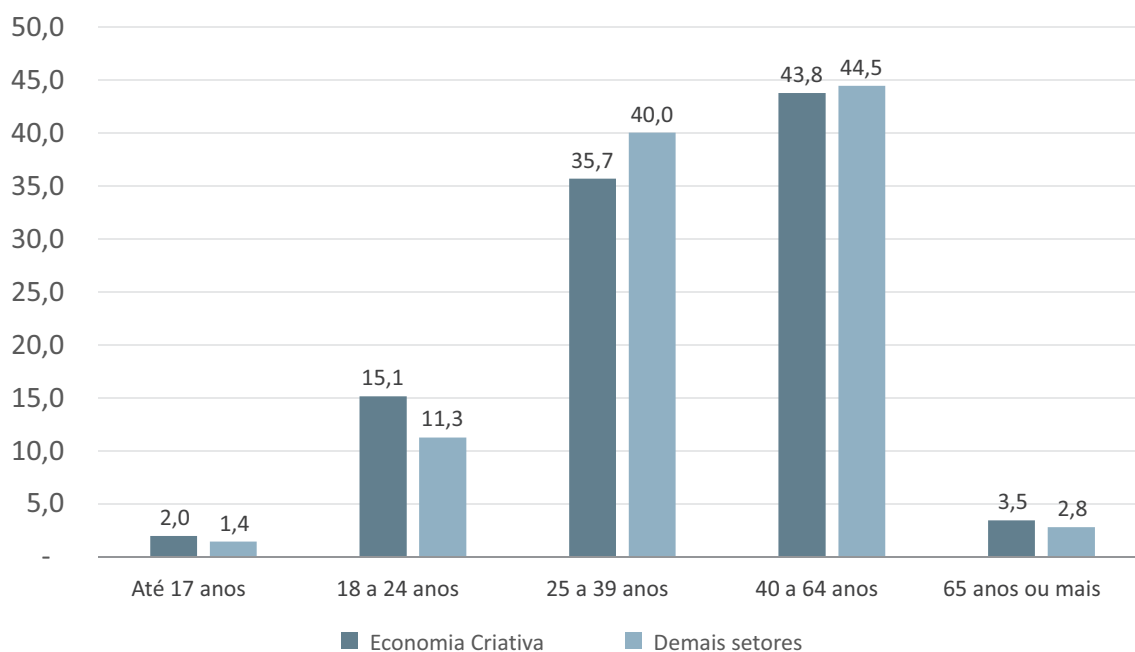
A distribuição do pessoal ocupado da Economia Criativa do Espírito Santo por faixa etária não se diferencia da média do sudeste e do Brasil, como também é muito semelhante à estrutura verificada nos demais setores.

Gráfico 22 - Distribuição do Pessoal Ocupado da Economia Criativa por faixa etária, 2016/1 (%)



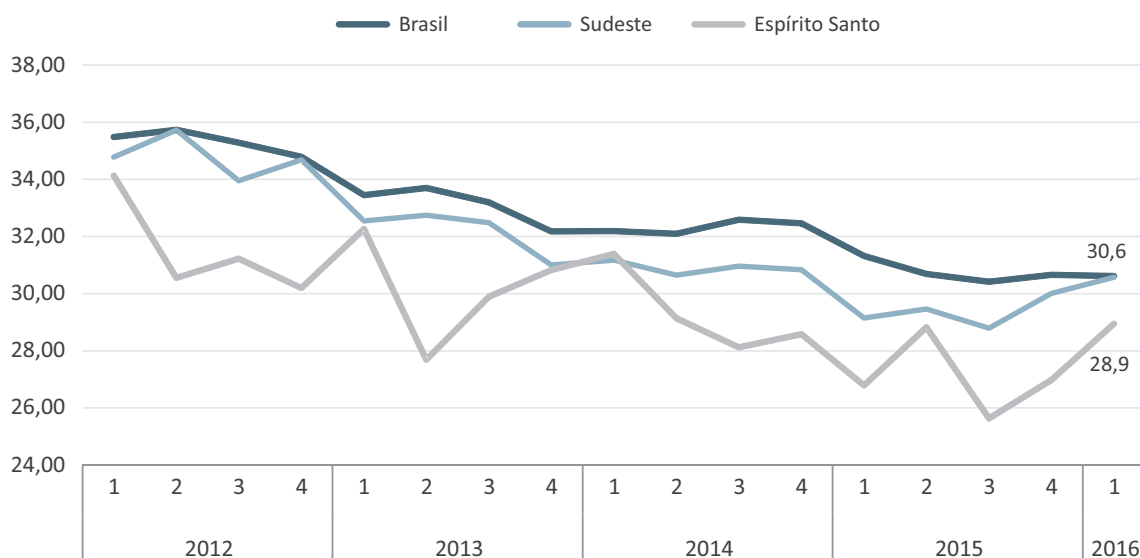
Fonte: PNADC / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 23 - Distribuição do Pessoal Ocupado por faixa etária, Espírito Santo, 2016/1 (%)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 24 - Evolução da participação de jovens nos setores da Economia Criativa, 2016/1 (%)

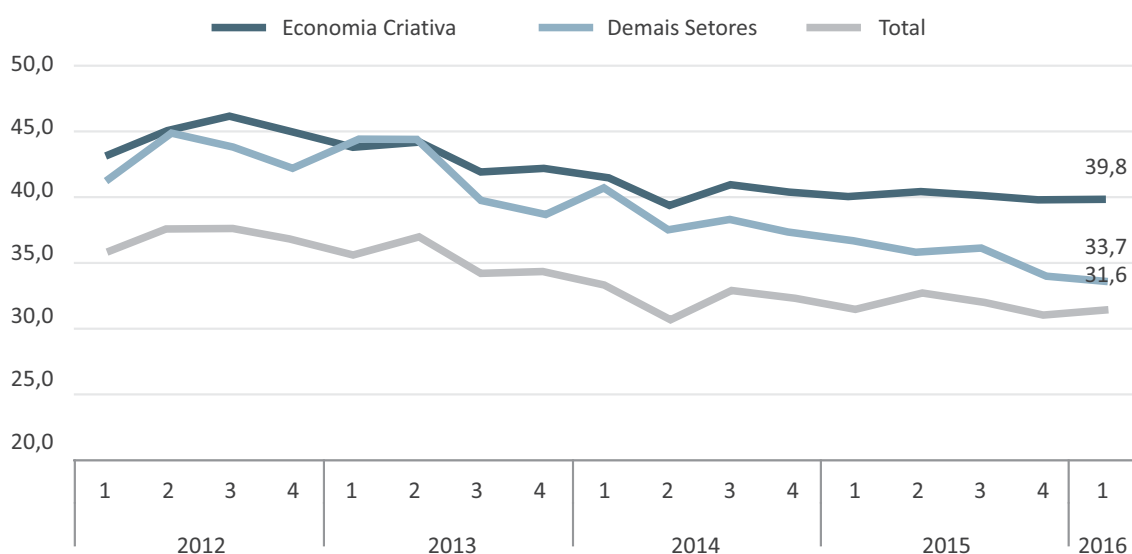


Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

4.3.3 - POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

As variações sazonais do número de trabalhadores na Economia Criativa capixaba refletem as variações segundo a posição na ocupação. O Espírito Santo conta com uma proporção de trabalhadores por conta própria e de empregadores maior que a média do sudeste e do país. E são justamente essas posições na ocupação que sofrem as maiores variações ao longo do tempo, amoldando-se às variações conjunturais da atividade econômica. Essas duas categorias, em conjunto, representavam, em 2016, 46,1% de todos os trabalhadores da Economia Criativa do Espírito Santo, enquanto para o sudeste, a proporção foi de 40,3% e, para o Brasil, 37,4%. Nos demais setores da economia, os percentuais são bem menores e mais próximos. Ressalte-se que estão incluídos em Outras categorias: Empregado no setor público; Militar e servidor estatutário; Trabalhador familiar auxiliar; e Trabalhador doméstico.

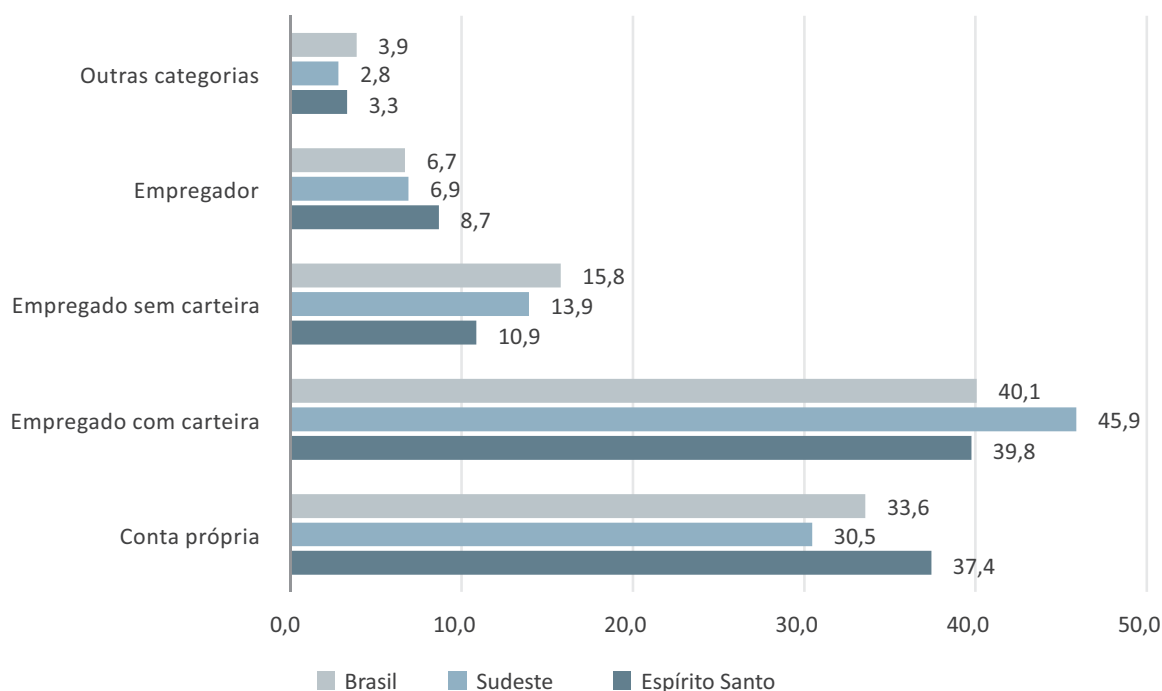
Gráfico 25 - Evolução do percentual de informalidade do trabalho na Economia Criativa, 2016/1 (%)



Fonte: PNADC

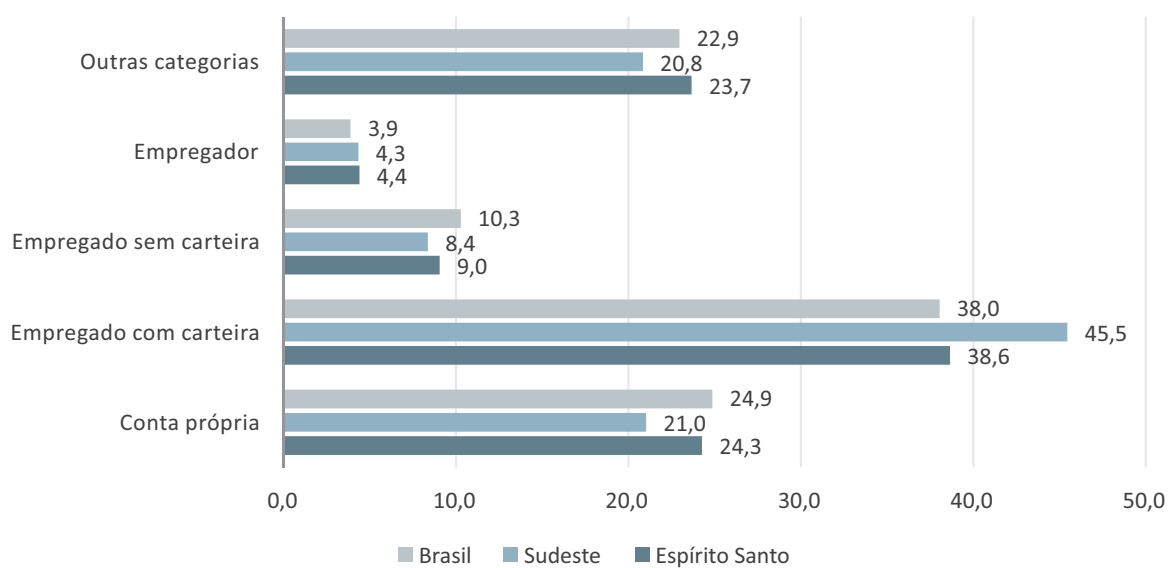
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 26 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos setores criativos, 2016/1 (%)



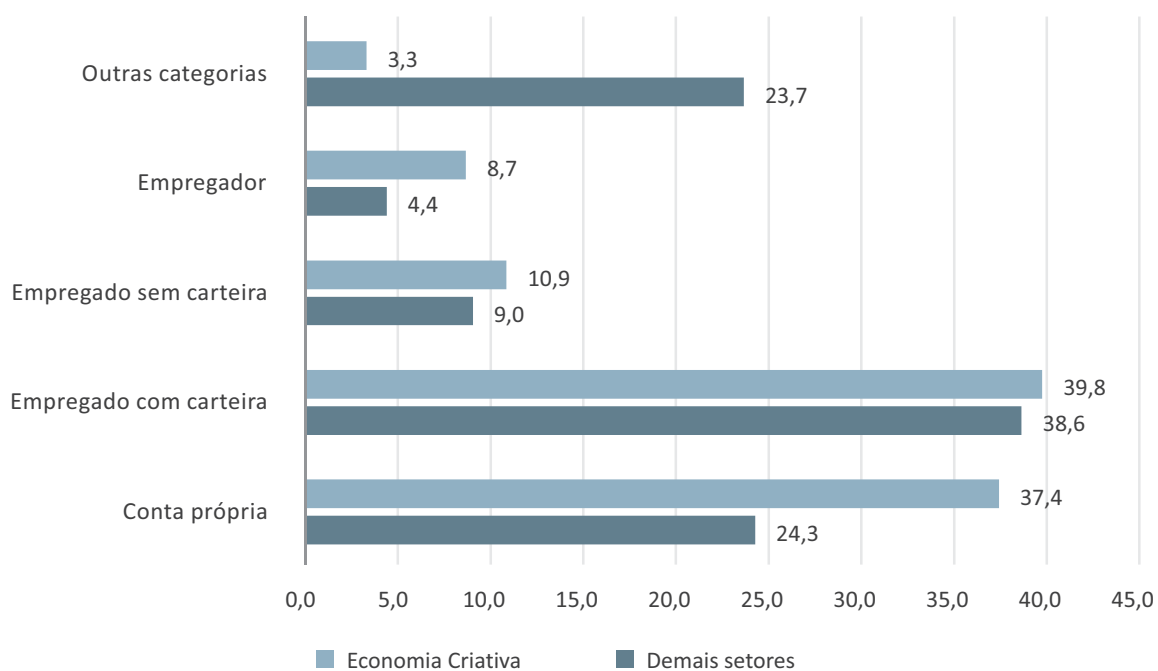
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 27 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos demais setores, 2016/1 (%)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

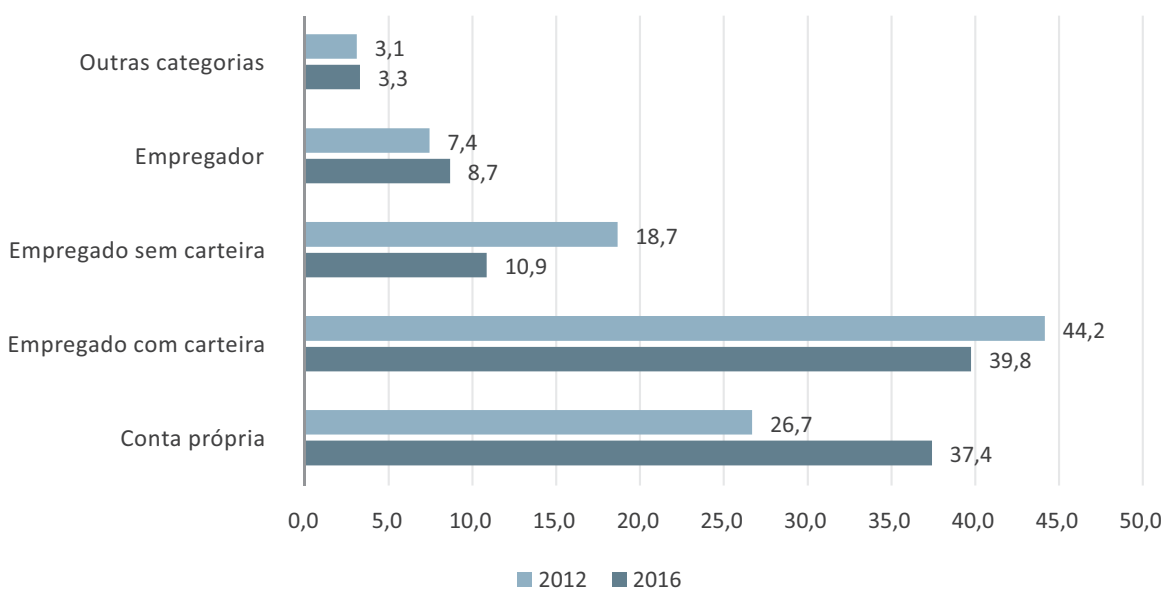
Gráfico 28 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação, Espírito Santo, 2016/1 (%)



Fonte: PNADC

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

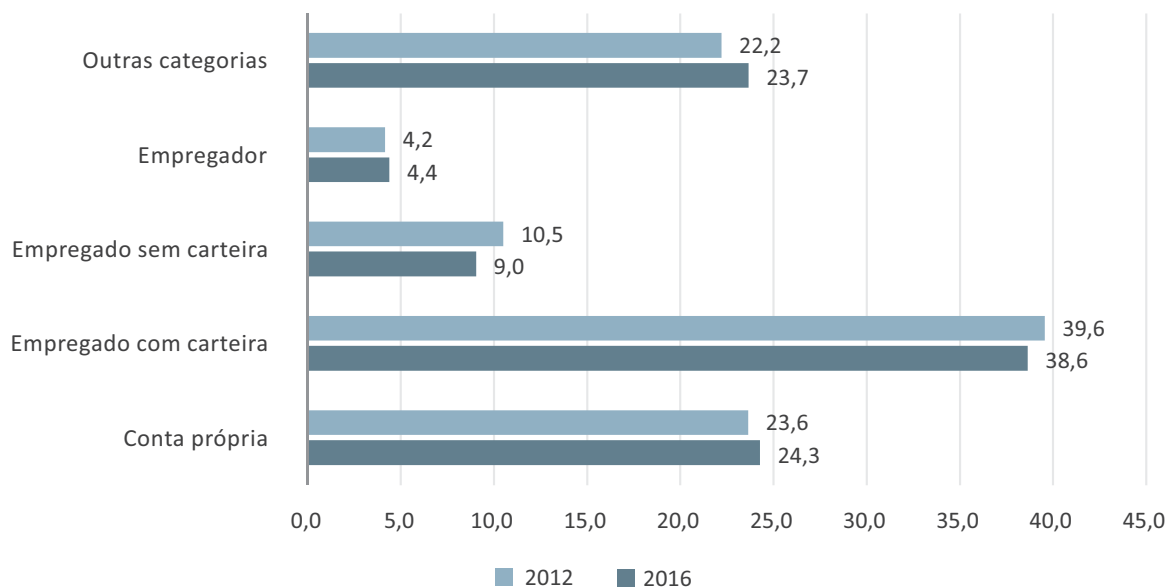
Gráfico 29 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação na Economia Criativa, Espírito Santo, 2012-2016 (%)



Fonte: PNADC

Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 30 - Pessoal Ocupado segundo posição na ocupação nos demais setores, Espírito Santo, 2012-2016 (%)

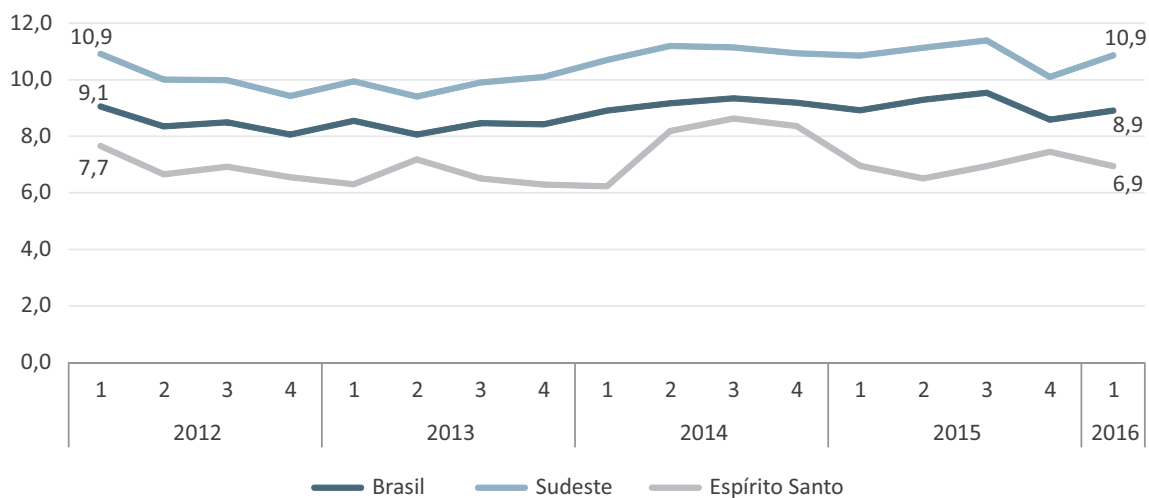


Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

4.3.4 - MASSA SALARIAL

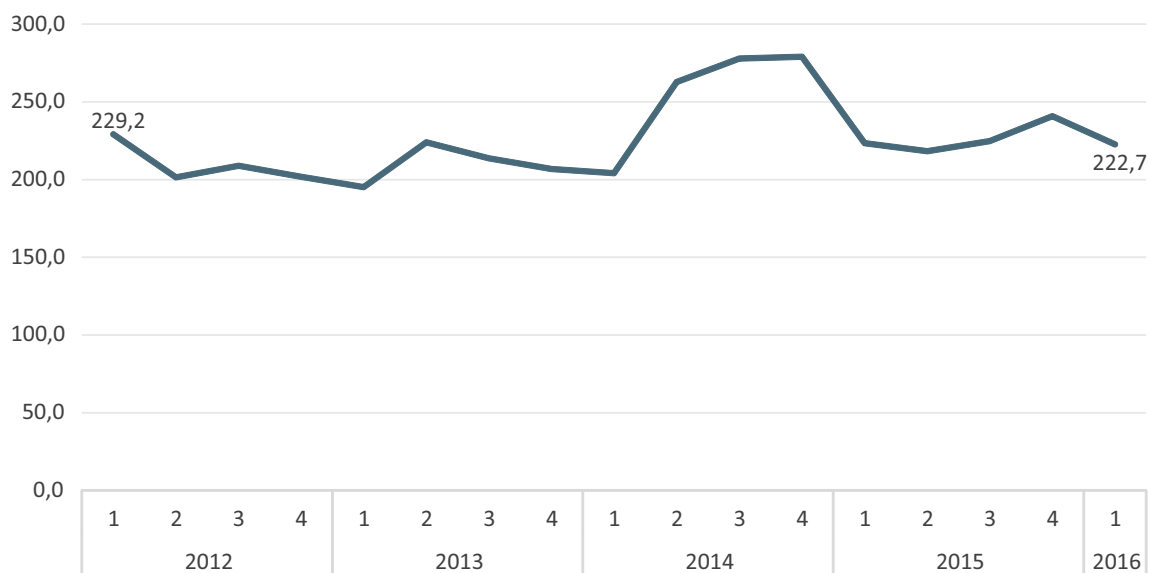
A participação da massa salarial da Economia Criativa é relativamente menor se comparada com a participação do número de trabalhadores da Economia Criativa.

Gráfico 31 - Participação da massa salarial da Economia Criativa no total da massa salarial, 2012/2016 (%)



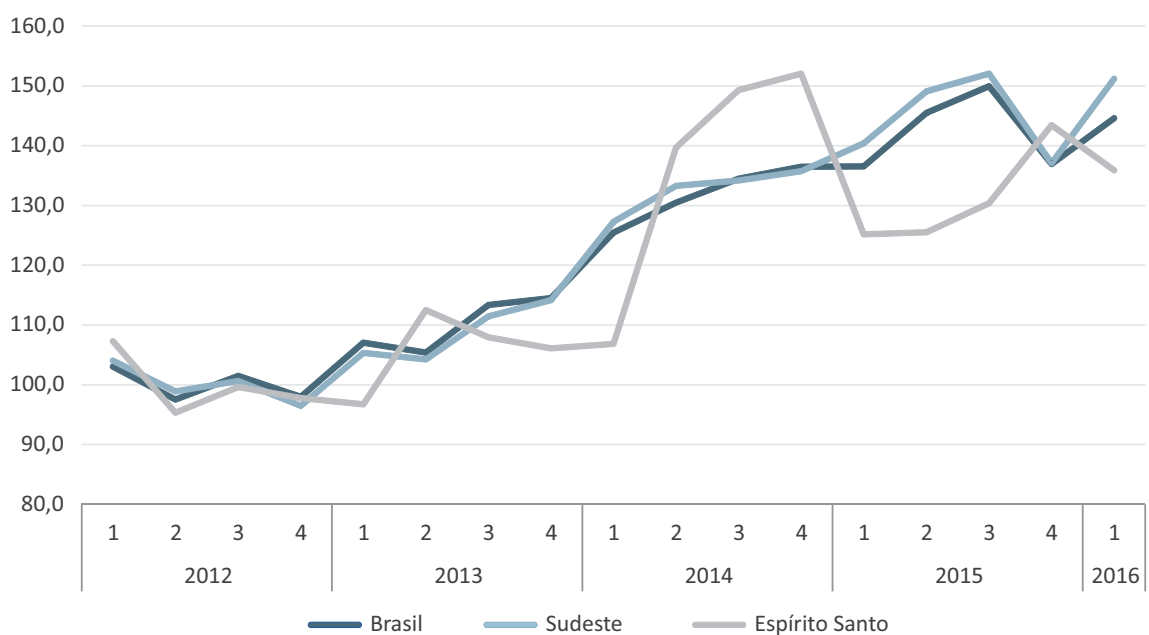
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 32 - Massa salarial da Economia Criativa do Espírito Santo, 2012/2016 (R\$ milhão)



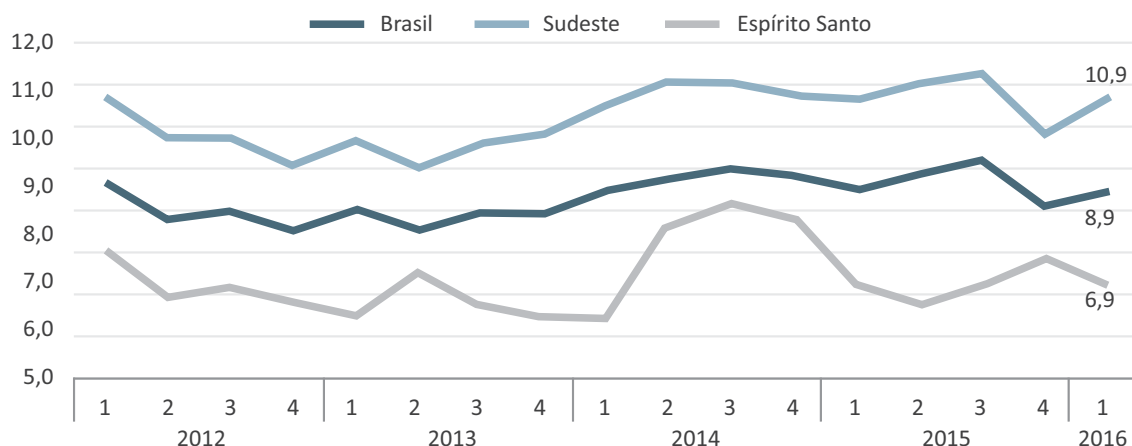
Fonte: PNADC
 Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 33 - Evolução da massa salarial da Economia Criativa, 2012/2016 (2012 = 100)



Fonte: PNADC
 Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 34 - Evolução da participação da economia Criativa no total da massa de rendimentos reais do trabalho principal, 2012/2016 (%)



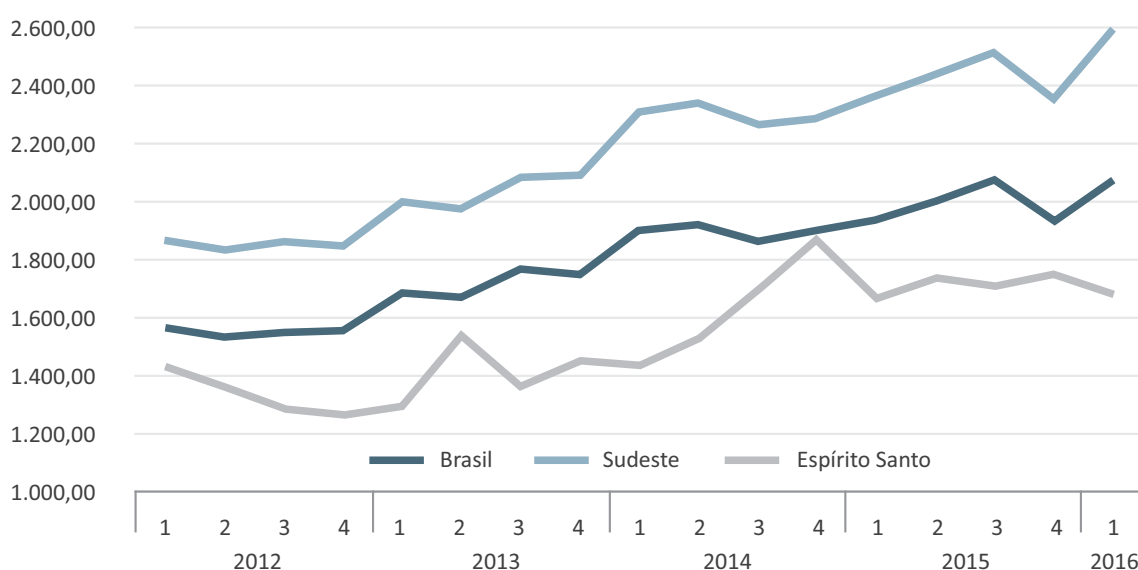
Fonte: PNADC / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

4.3.5 - RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO

Da mesma forma que se encontram muitas variações sazonais no número de trabalhadores vinculados à Economia Criativa, o rendimento médio desses trabalhadores também sofre intensas variações, ao contrário dos demais setores da economia.

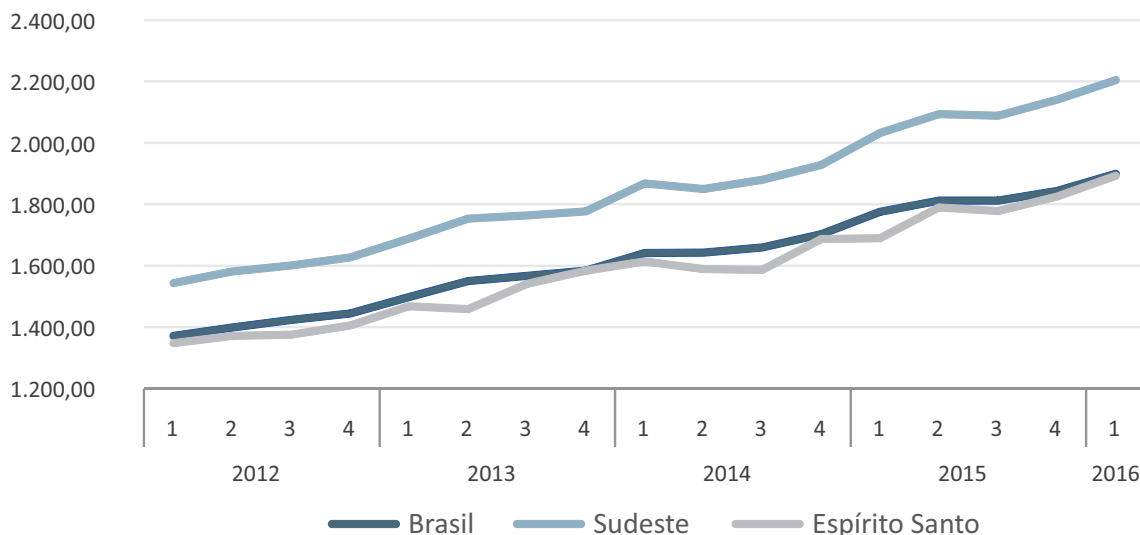
Além de passar por maiores variações, o rendimento médio dos trabalhadores da Economia Criativa do Espírito Santo situa-se em uma escala abaixo da média dos estados do sudeste e do país. Nos demais setores da economia, a média dos rendimentos dos capixabas se aproxima da média brasileira e sofre menos variações.

Gráfico 35 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado na Economia Criativa, 2012/2016 (R\$/mês)



Fonte: PNADC / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

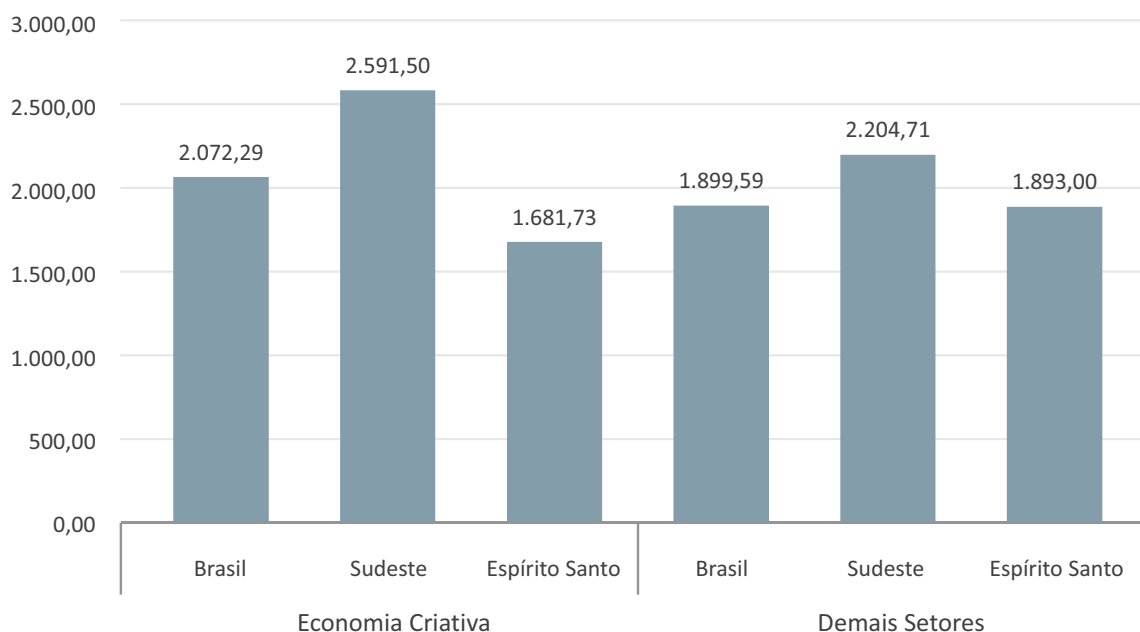
Gráfico 36 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado nos demais setores, 2012/2016 (R\$/mês)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

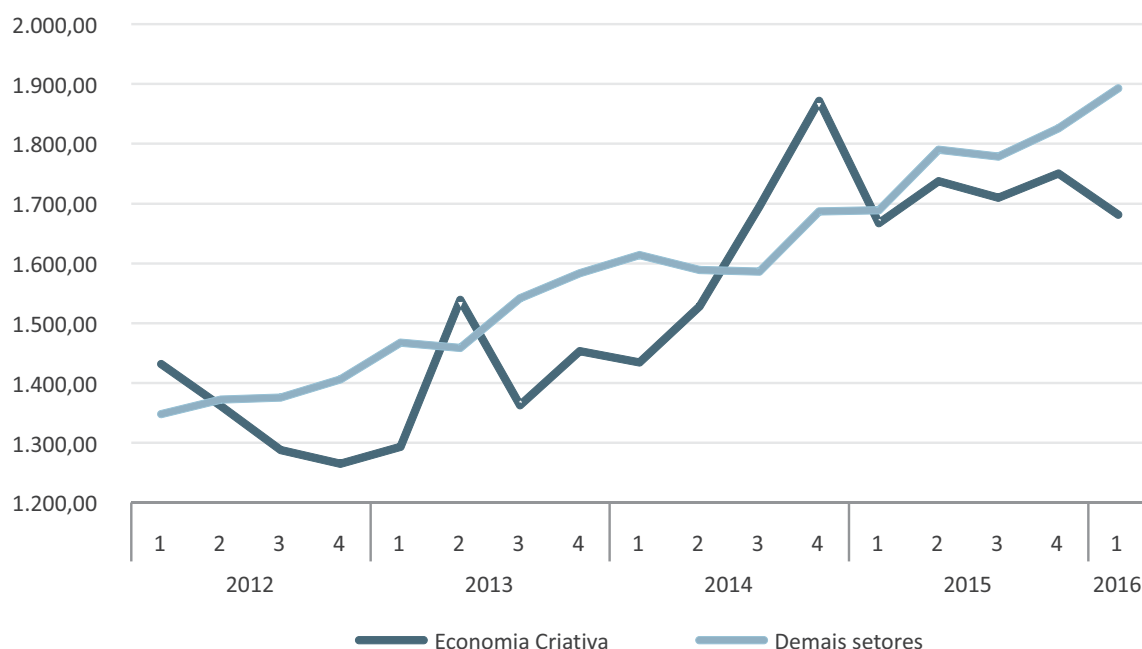
Em alguns momentos, o rendimento médio dos trabalhadores da Economia Criativa no Espírito Santo ultrapassa o dos trabalhadores dos demais setores, porém, em geral, situa-se em uma escala inferior.

Gráfico 37 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado, 2016/1 (R\$/mês)



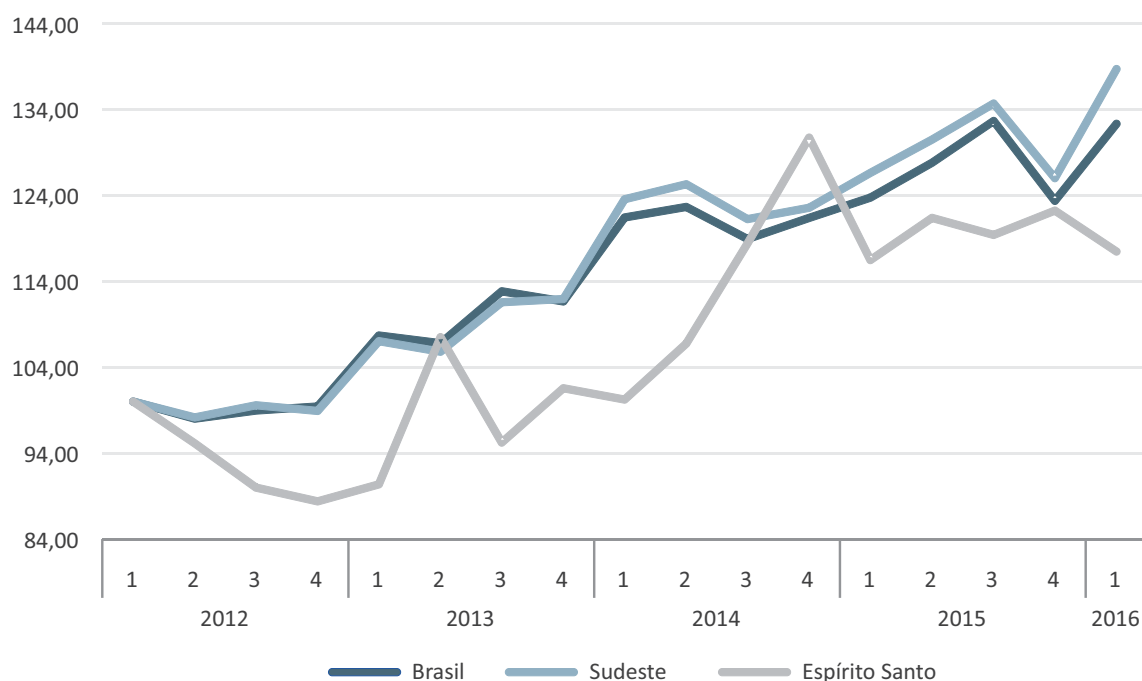
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 38 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado, Espírito Santo, 2012/2016 (R\$/mês)



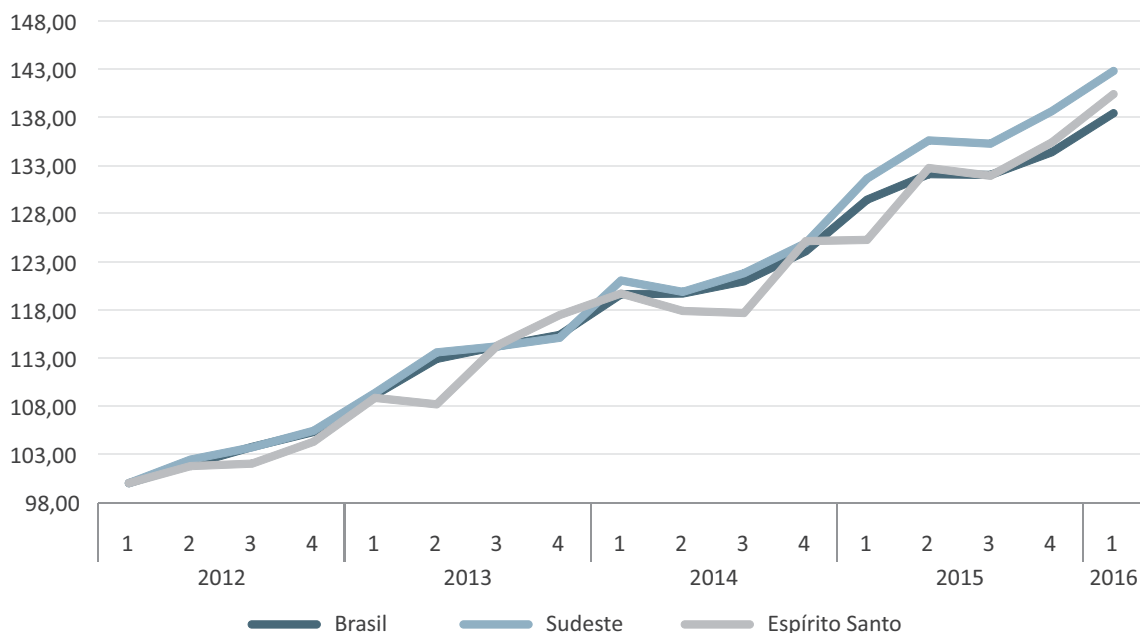
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 39 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado na Economia Criativa, 2012/2016 (2012 = 100)



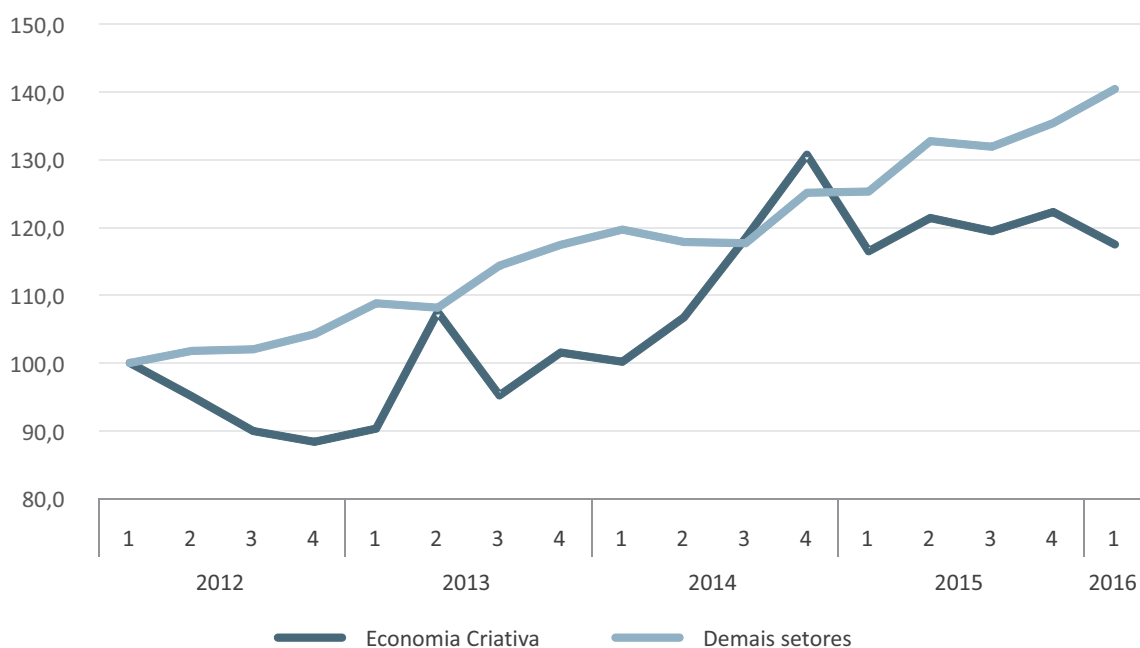
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 40 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado nos demais setores, 2012/2016 (2012:1 = 100)



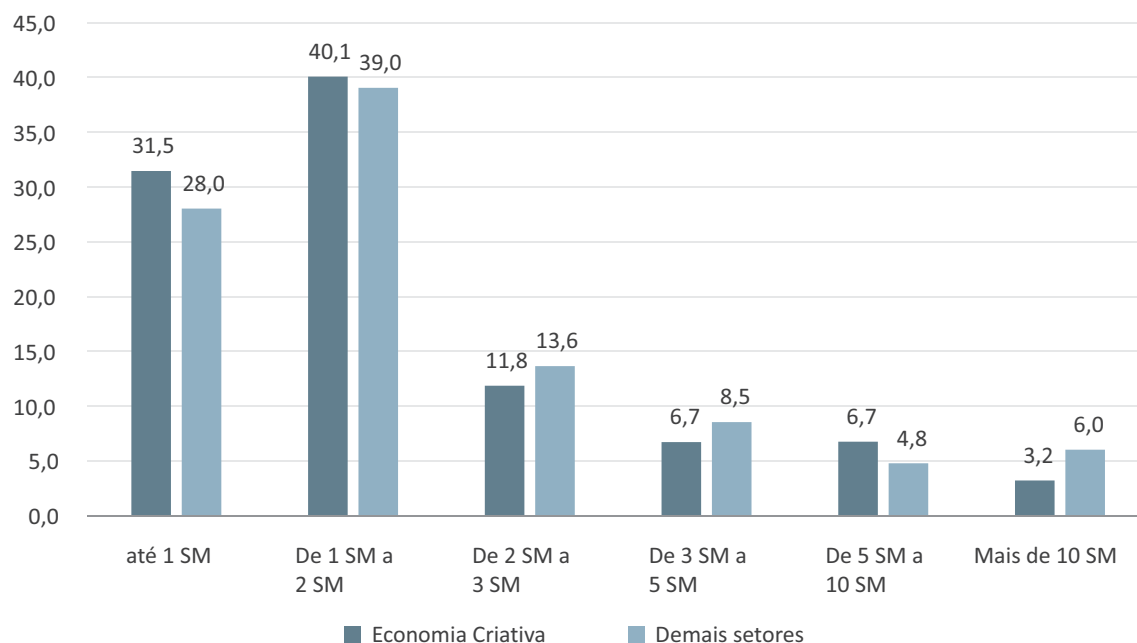
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 41 - Evolução do rendimento médio do Pessoal Ocupado, Espírito Santo, 2012/2016 (2012:1 = 100)



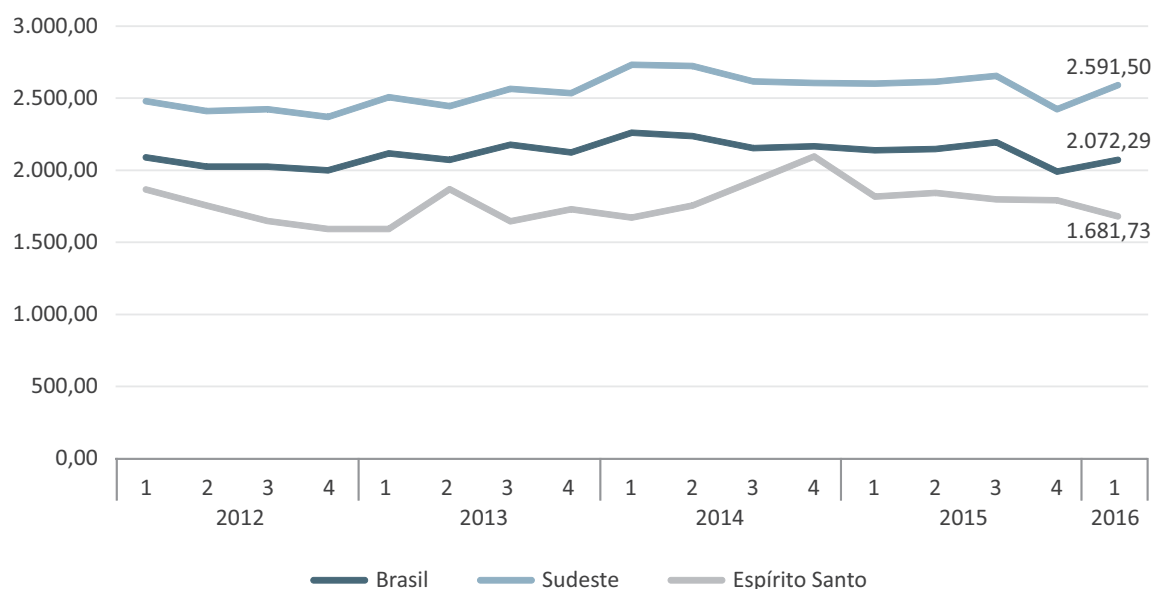
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 42 - Rendimento médio do Pessoal Ocupado por escala de salário mínimo, Espírito Santo, 2016 (%)



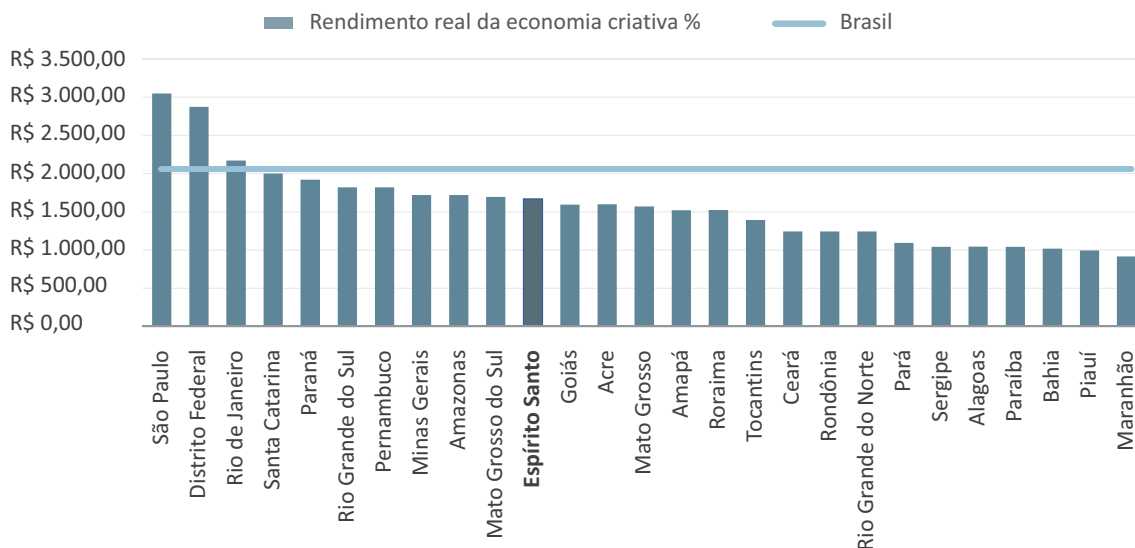
Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 43 - Evolução do rendimento real do trabalho principal da Economia Criativa (R\$ de 2016)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Gráfico 44 - Ranking de Unidades da Federação do rendimento real do trabalho principal na economia criativa (R\$ de 2016)

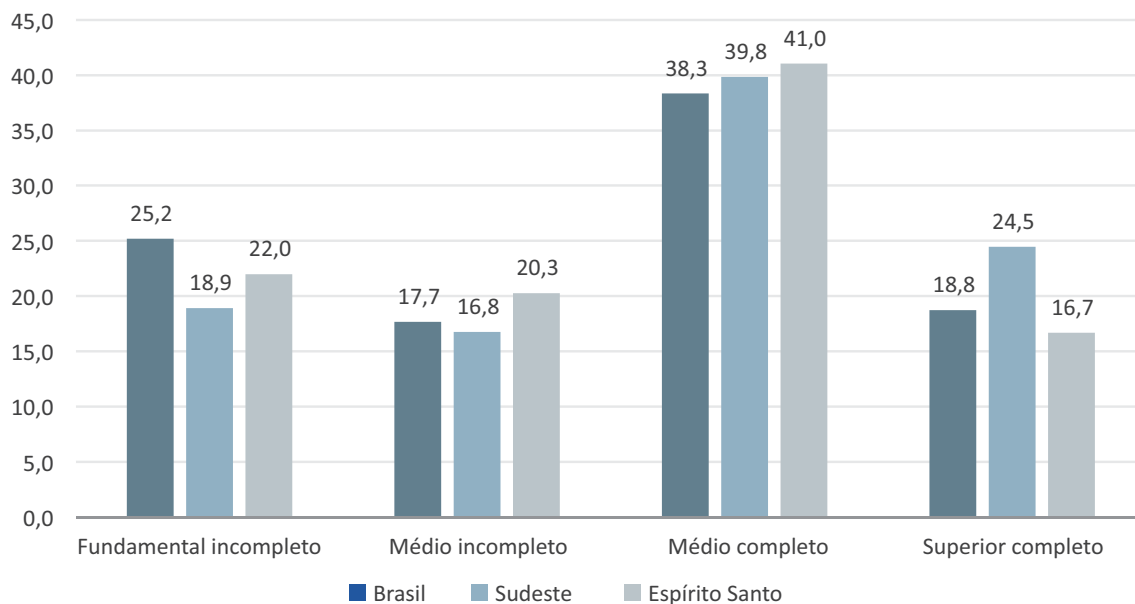


Fonte: PNADC / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

4.3.6 - ESCOLARIDADE

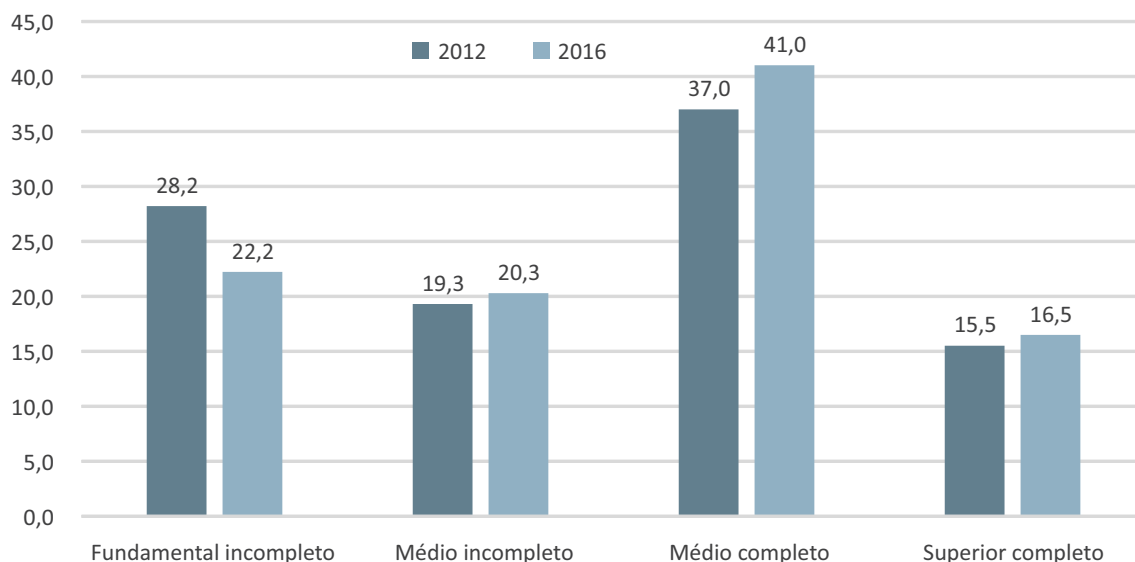
O nível de escolaridade dos trabalhadores da Economia Capixaba melhorou entre 2012 e 2016, mas ainda se encontra em pior situação que a média do sudeste e a do Brasil.

Gráfico 45 - Distribuição do Pessoal Ocupado na Economia Criativa por nível de escolaridade, 2016/1 (%)



Fonte: PNADC / Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

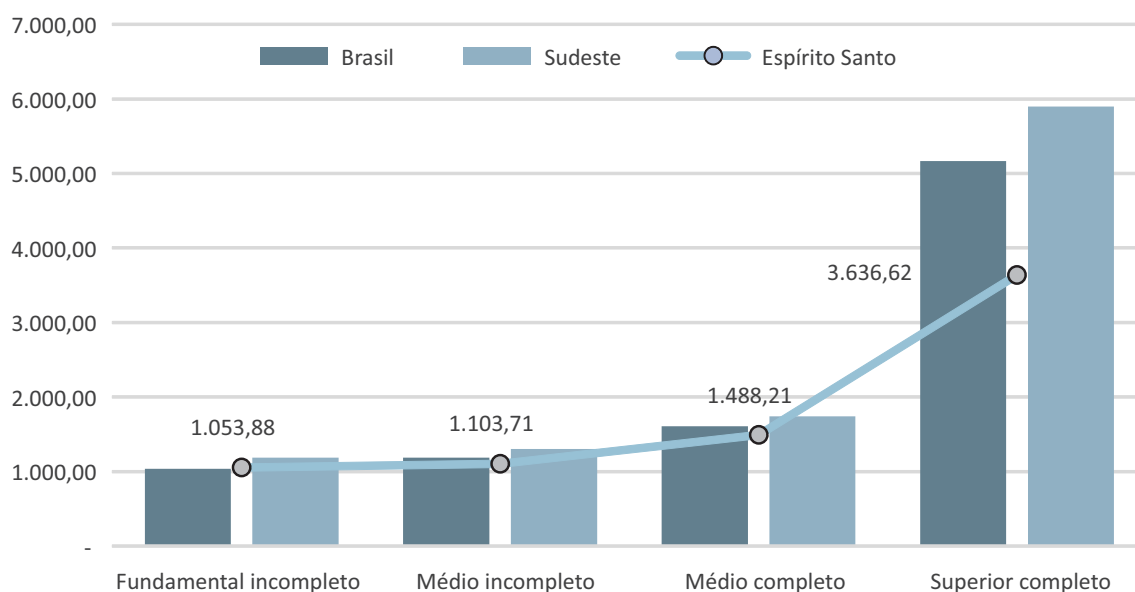
Gráfico 46 - Distribuição do Pessoal Ocupado na Economia Criativa por nível de escolaridade, Espírito Santo, 2012-2016 (%)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

Chama atenção as diferenças dos rendimentos dos trabalhadores da Economia Criativa capixaba que possuem superior completo, em relação à média dos estados do sudeste e do Brasil.

Gráfico 47 - Rendimento médio na Economia Criativa por nível de escolaridade, 2016/1 (R\$/mês)



Fonte: PNADC
Elaboração: IJSN/Coordenação de Estudos Econômicos

REFERÊNCIAS

COSTA CAIADO, A. S. (Coord.) (2011). Economia Criativa na cidade de São Paulo: diagnóstico e potencialidades. São Paulo: Fundap.

FIRJAN. Federação das Indústrias do Estado do Rio De Janeiro (2014). Mapeamento da Indústria Criativa do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2014.

FLEW, T. & CUNNINGHAM, S. (2010). Creative Industries After the First Decade of Debate. The Information Society. Brisbane: Routledge, 26: 1-11, 2010. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/39360/1/c39360.pdf>. Acesso em 26/07/2016.

FLORIDA, R. (2002). The Rise of the Creative Class ... and How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life. Nova York: Basic Books.

MADEIRA, M. G. (2014). Economia Criativa: implicações e desafios para a política externa brasileira. Brasília: Funag.

OLIVEIRA, J. M.; ARAUJO, B. C.; SILVA, L. V. (2013). Panorama da Economia Criativa no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA (Texto para Discussão, 1880).

UNCTAD. UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (2010). Creative economy report 2010. Creative economy: a feasible development option. U.N., 2010.

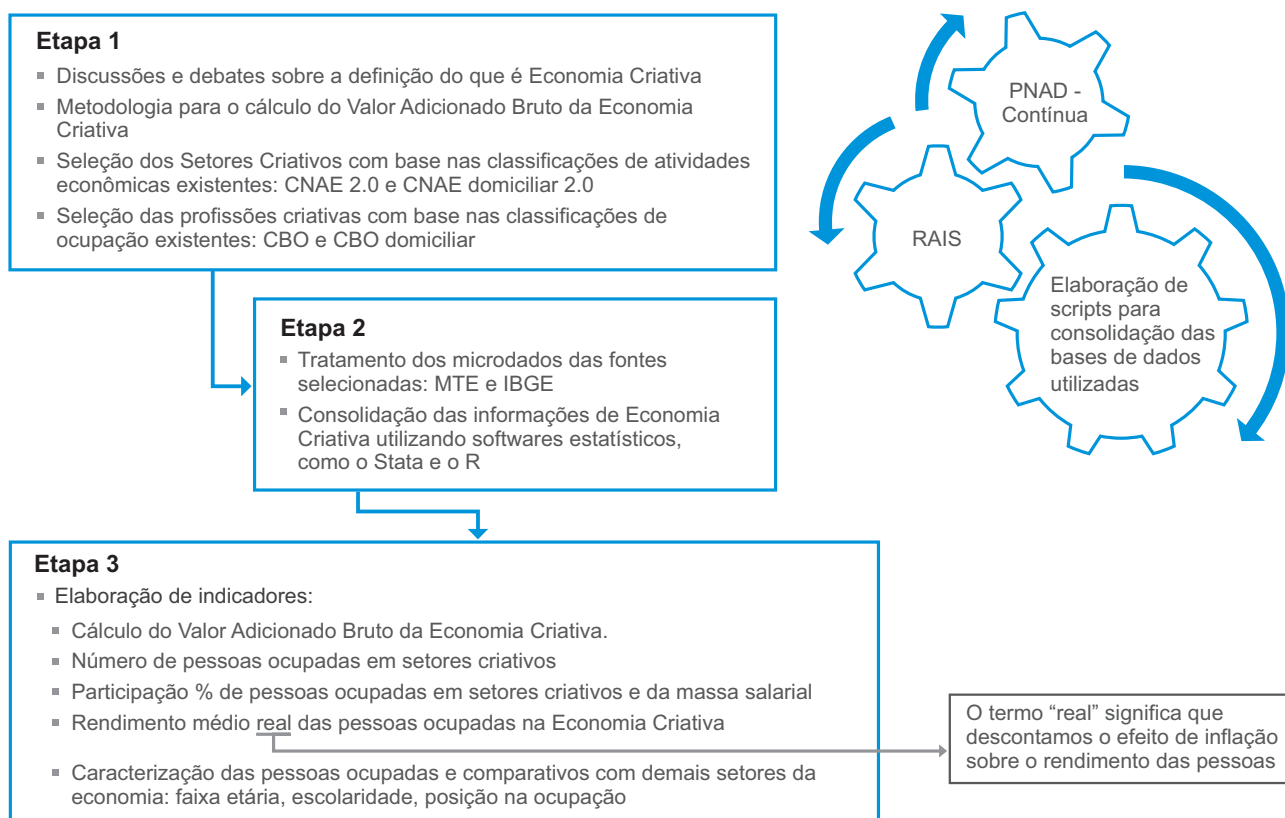
VALIATI, L. (Org.) (2013). Indústria criativa no Rio Grande do Sul: síntese teórica e evidências empíricas. Porto Alegre: FEE, 2013. [e-book].

APÊNDICE - Como medir a Economia Criativa

O objetivo desse trabalho foi criar uma metodologia que permitisse determinar o dimensionamento da Economia Criativa no Espírito Santo, bem como criar indicadores que pudessem expressar suas principais características, além de tecer comparações tanto com os demais setores da economia quanto com os indicadores dos estados da Região Sudeste e dos estados brasileiros. Esses indicadores irão permitir acompanhar a dinâmica desse segmento da economia capixaba e servir de base para a formulação das políticas públicas que possam ampliar a empregabilidade, a renda média e o conhecimento das pessoas nele inseridas.

O trabalho foi desenvolvido em, basicamente, três etapas, conforme ilustradas na Figura 2. A primeira tratou de consolidar a metodologia para o entendimento da Economia Criativa, a segunda foi dedicada ao tratamento das informações selecionadas, enquanto a terceira destinou-se à construção e ao cálculo dos indicadores. O objetivo desse apêndice é apresentar resumidamente essas três etapas, com o intuito de contribuir para a disseminação da prática de acompanhamento da Economia Criativa tanto nos municípios capixabas, quanto em outras unidades da federação.

Figura 2 - Etapas da metodologia utilizada no trabalho



O conceito de Economia Criativa, ainda em construção, relaciona-se diretamente à seleção dos setores produtivos que compõem seu universo, devidamente classificados nos respectivos segmentos. Essa classificação pode sofrer alterações e adaptações a depender de cada realidade específica do espaço geográfico no qual se pretende atuar. No caso do Espírito Santo, foram levadas em consideração as especificidades locais no âmbito cultural e as características da estrutura econômica como base para a definição dos setores criativos integrantes da Economia Criativa capixaba.

A partir da identificação das principais classificações existentes, foi possível construir uma metodologia para definir e delimitar a Economia Criativa para o estado do Espírito Santo. Importante destacar que a Secult (Secretaria de Estado da Cultura) realizou uma pesquisa, junto à classe criativa do Espírito Santo, com a finalidade de delimitar os segmentos da Economia Criativa que seriam beneficiados mais diretamente pela política implementada no Programa de Economia Criativa do governo estadual. Nessa pesquisa, foram indicados oito segmentos, identificados como Conceito Secult no Quadro 1. A partir da análise comparativa com as demais instituições, foram incluídos mais quatro (Conceito Ampliado), perfazendo 12 segmentos basilares da Economia Criativa capixaba.

Quadro 1 - Segmentos da Economia Criativa selecionados para o Espírito Santo

Conceito Secult	Conceito Ampliado
<ul style="list-style-type: none"> ■ Design 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Publicidade
<ul style="list-style-type: none"> ■ Teatro (artes cênicas) 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Artesanato 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Patrimônio e Artes
<ul style="list-style-type: none"> ■ Música 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Audiovisual 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Editorial
<ul style="list-style-type: none"> ■ TIC 	
<ul style="list-style-type: none"> ■ Festas e Celebrações 	<ul style="list-style-type: none"> ■ P&D
<ul style="list-style-type: none"> ■ Gastronomia 	

Fonte: Elaboração do autor

Determinados os segmentos, passou-se à definição das atividades econômicas desenvolvidas no interior de cada segmento, o que exigiu um esforço de compatibilização das estatísticas disponíveis. Constatou-se que a Economia Criativa pode ser mensurada tanto a partir do enfoque setorial, o qual privilegia se o setor é criativo ou não, quanto do enfoque ocupacional, em que o interesse recai sobre a ocupação do trabalhador, se é típica da Economia Criativa ou não. Uma junção entre esses dois recortes resulta em quatro situações diferentes, conforme ilustrado no Quadro 2. A determinação do tamanho da Economia Criativa passa, necessariamente, pelo preenchimento desse quadro.

Quadro 2 - Recortes de mensuração da Economia Criativa

	Emprego em setores criativos	Emprego em outros setores	Recorte ocupacional
Emprego nas ocupações criativas	Criativos especializados	Criativos embutidos	Total de ocupações criativas
Emprego em outras ocupações	Ocupações de apoio	Outras ocupações	Total de ocupações não criativas
Recorte setorial	Emprego total nos setores criativos	Emprego total em outros setores	TOTAL GERAL

Fonte: Florida, adaptado de Oliveira, 2013, p. 24.

A primeira tentativa para dimensionar a Economia Criativa consistiu na apuração do Valor Adicionado Bruto (VAB) dos setores que a compõem. Esses setores obedecem a uma classificação particular das atividades econômicas, própria para o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB). No entanto, trata-se de dados estatísticos apenas disponíveis no IBGE e fornecidos exclusivamente ao IJSN, dado o caráter de confidencialidade dessas informações.

De todos os setores que compõem o VAB, foram consideradas para expressar a importância da Economia Criativa no Espírito Santo, as seguintes atividades: artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços das famílias produtoras; atividade cinematográfica/vídeo/gravação som; atividades artísticas, culturais e ambientais; atividades dos serviços de tecnologia da informação e dos serviços de informação; atividades profissionais, científicas e técnicas; atividades profissionais, científicas e técnicas, administração e serviços complementares das famílias produtoras; edição de livros, jornais, revistas; serviços de alimentação; serviços de alimentação das famílias produtoras; e serviços de rádio e televisão.

A segunda inventiva consistiu na busca das fontes estatísticas adequadas para se passar efetivamente à mensuração do emprego gerado pela Economia Criativa e ao detalhamento de suas principais características. Nesse aspecto, foram utilizadas duas fontes estatísticas básicas, detalhadas a seguir.

A primeira fonte relaciona as informações relativas ao mercado de trabalho formal, cujas estatísticas estão disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que tem por objetivo o suprimento às necessidades de controle da atividade trabalhista no país, além do provimento de dados para a elaboração de estatísticas do trabalho. Esse banco de dados fornece informações anuais sobre o número de vínculos empregatícios formalmente registrados pelas empresas, além de características que ajudam a descrever o perfil dos profissionais e das empresas classificadas como criativas, sendo que estes dados são decompostos até ao nível municipal, incluindo classe econômica e ocupação, faixa etária, grau de instrução, tempo de serviço e faixa de rendimento médio.

O acesso aos dados da Rais é relativamente fácil, conforme detalhado a seguir.

Roteiro para Consulta no RAIS ESTABELECIMENTO

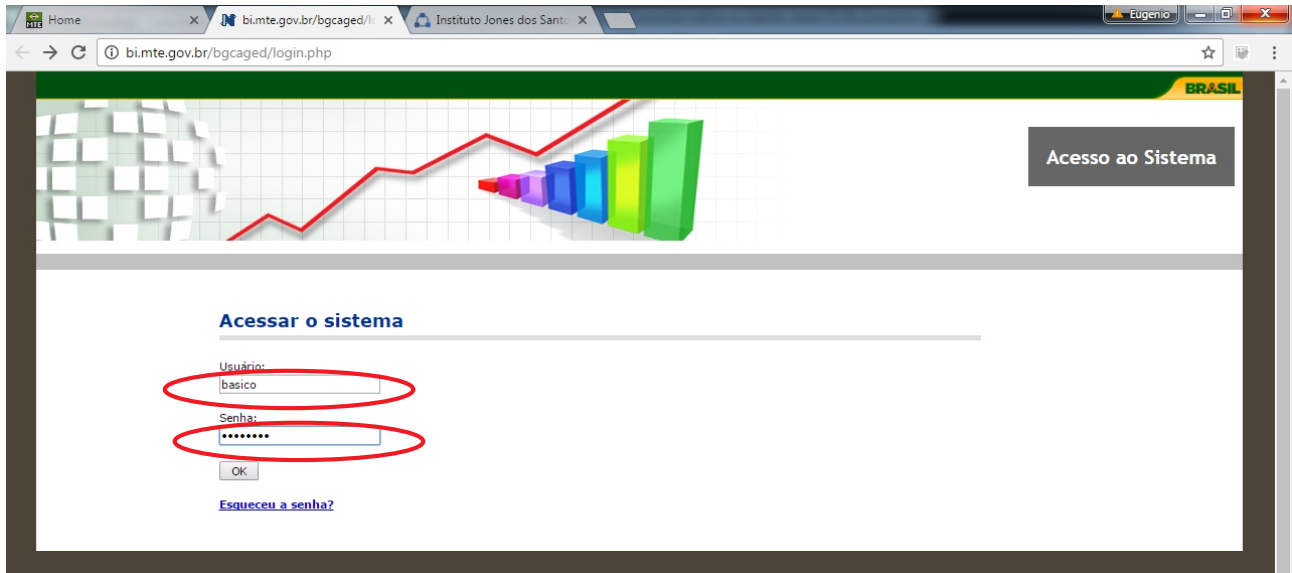
1) Pesquisas no Portal do MTE

a) Entre no site do Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET) <http://acesso.mte.gov.br/portal-pdet/home/>

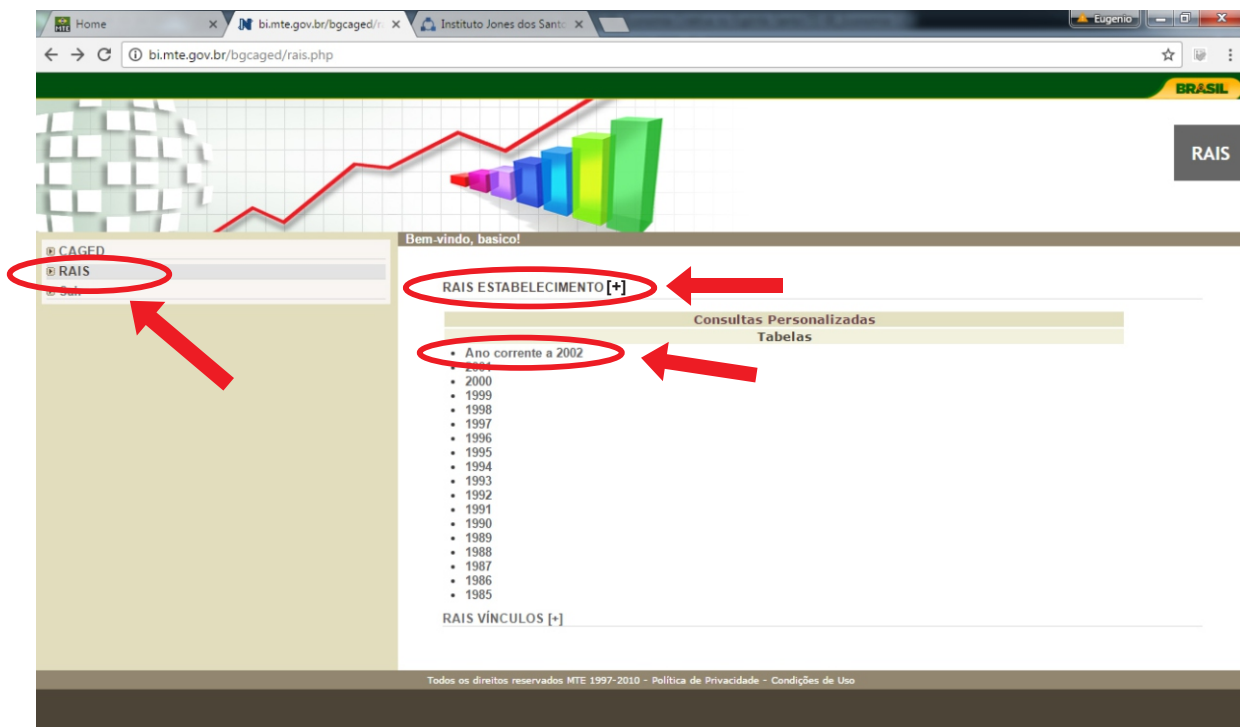
b) No menu, do lado esquerdo da página, clique em Consultas → Acesso Online às Bases de Dados, conforme figura abaixo:

The screenshot shows the homepage of the PDET (Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho) portal. The page features a navigation menu on the left side with the following items: O PDET, AJUDA, ADESAO AO PROGRAMA, CONSULTAS, and DOWNLOAD. The 'CONSULTAS' menu is expanded, and the option 'Acesso Online às Bases de Dados' is highlighted with a red circle and a red arrow pointing to it. Other options in the 'CONSULTAS' menu include 'CAGED Ajustes', 'Evolução do Emprego do CAGED', 'CAGED Estabelecimento', 'Perfil do Município', 'ISPER - Dados por Município', 'Anuário RAIS', and 'Comportamento do Emprego Formal'. The main content area includes a search bar, a 'Mapa do Portal | Links' section, and various informational banners and links such as 'CAGED', 'dardos', 'RAIS 2014', and 'Solicitação de Acesso Online'. The footer contains contact information for the Coordenação Geral de Estatísticas do Trabalho (CGET) and several certification logos (W3C XHTML 1.0, AAA APROVADO, W3C CSS).

c) Entre com o nome de usuário (**basico**) e a senha (**12345678**).

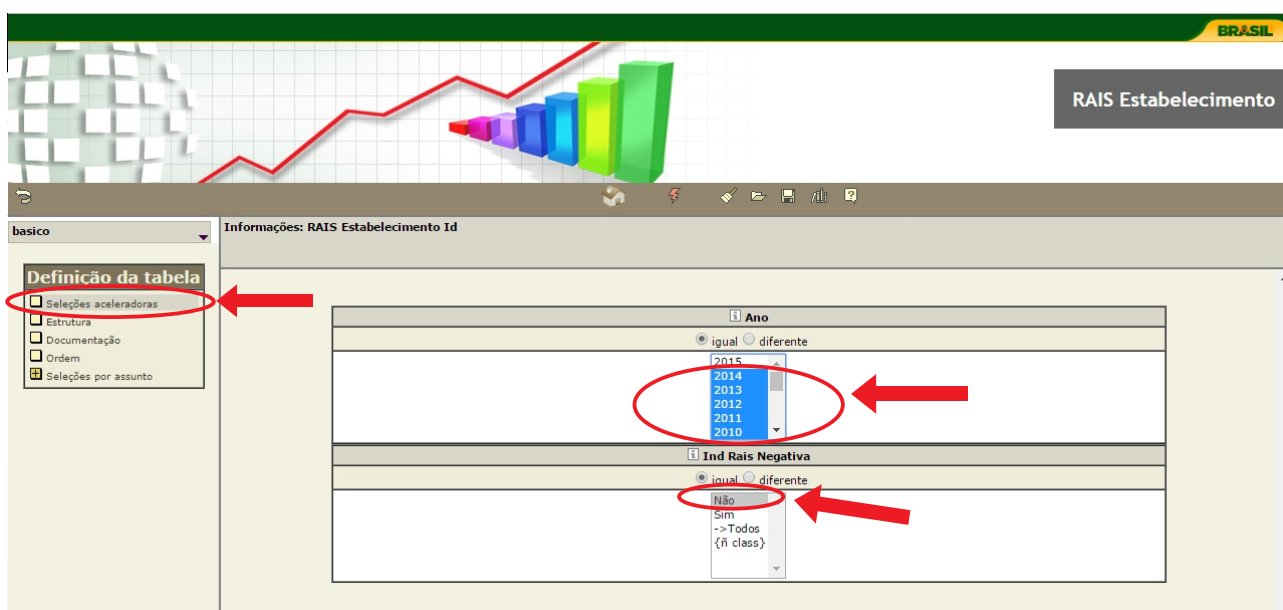


d) Na tela que irá abrir, clique em **RAIS** no canto esquerdo da tela, depois no símbolo **[+]** na frente de **RAIS ESTABELECIMENTO** e em seguida em **Ano corrente a 2002**.

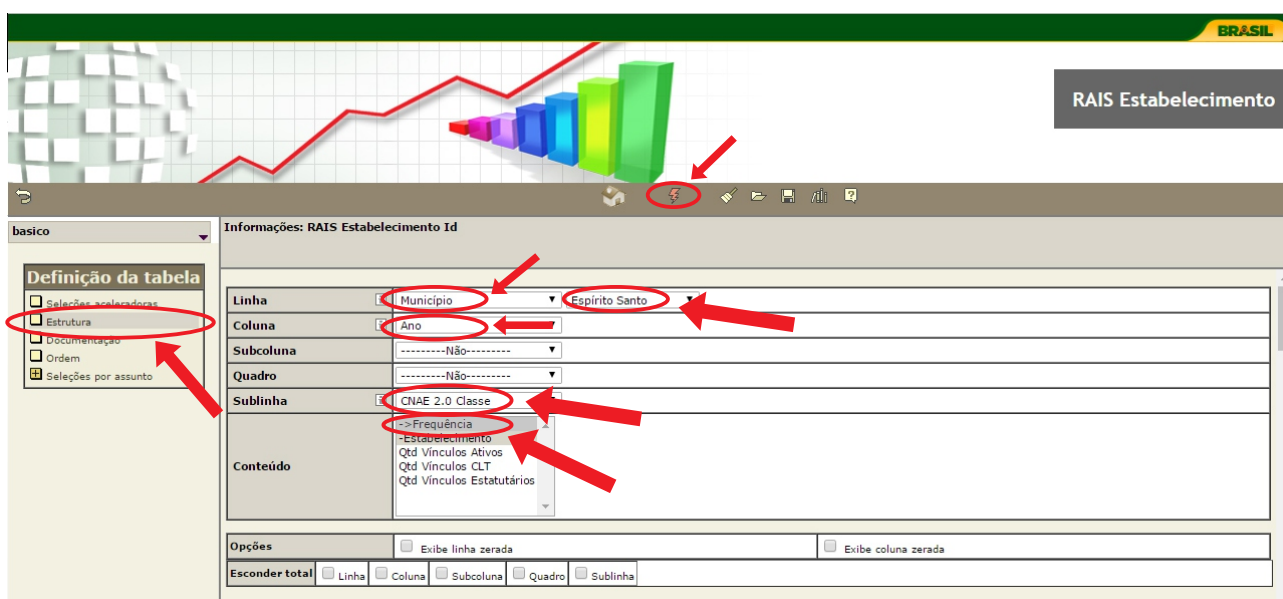


2) Filtro de Dados

a) No quadro **Definição da tabela** (lado esquerdo), clique em **Seleções aceleradoras** e selecione o período a ser consultado (**2010 a 2014**). Na parte de **Indicador de Rais Negativa** (**Ind Rais Negativa**), selecione a opção '**Não**'.

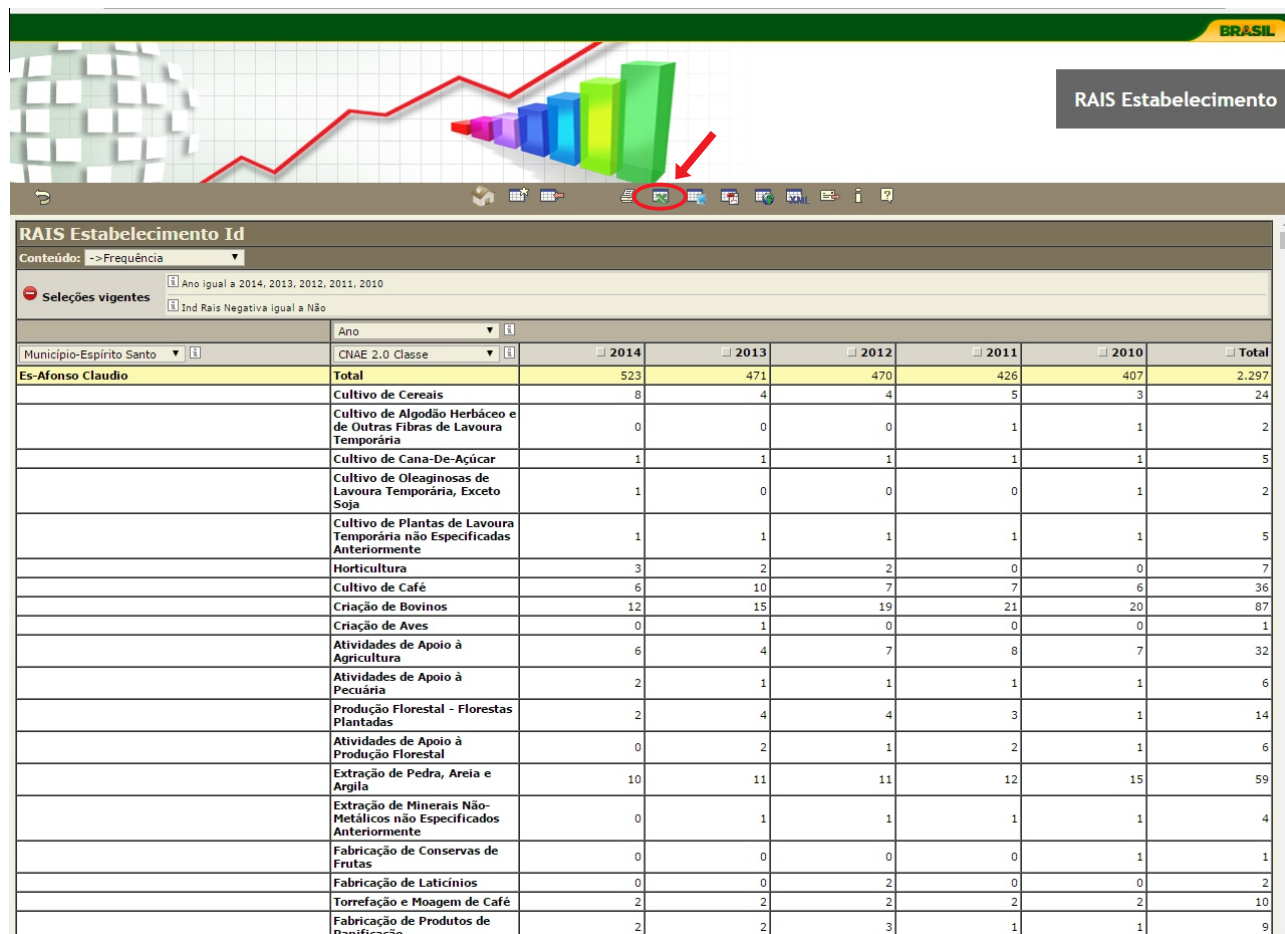


a) Em Definição da tabela, clique em **Estrutura** e faça a seguinte seleção:
 Linha: **Município – Espírito Santo**
 Coluna: **Ano**
 Sublinha: **CNAE 2.0 Classe**
 Conteúdo: **Frequência**



c) Após realizadas as seleções, clique no ícone  para exibir a consulta.

Para transferir o arquivo para o formato de Excel utilize o ícone .



Município-Espírito Santo	CNAE 2.0 Classe	2014	2013	2012	2011	2010	Total
Es-Afonso Claudio	Total	523	471	470	426	407	2.297
	Cultivo de Cereais	8	4	4	5	3	24
	Cultivo de Algodão Herbáceo e de Outras Fibras de Lavoura Temporária	0	0	0	1	1	2
	Cultivo de Cana-De-Açúcar	1	1	1	1	1	5
	Cultivo de Oleaginosas de Lavoura Temporária, Exceto Soja	1	0	0	0	1	2
	Cultivo de Plantas de Lavoura Temporária não Especificadas Anteriormente	1	1	1	1	1	5
	Horticultura	3	2	2	0	0	7
	Cultivo de Café	6	10	7	7	6	36
	Criação de Bovinos	12	15	19	21	20	87
	Criação de Aves	0	1	0	0	0	1
	Atividades de Apoio à Agricultura	6	4	7	8	7	32
	Atividades de Apoio à Pecuária	2	1	1	1	1	6
	Produção Florestal - Florestas Plantadas	2	4	4	3	1	14
	Atividades de Apoio à Produção Florestal	0	2	1	2	1	6
	Extração de Pedra, Areia e Argila	10	11	11	12	15	59
	Extração de Minerais Não-Metálicos não Especificados Anteriormente	0	1	1	1	1	4
	Fabricação de Conservas de Frutas	0	0	0	0	1	1
	Fabricação de Laticínios	0	0	2	0	0	2
	Torrefação e Moagem de Café	2	2	2	2	2	10
	Fabricação de Produtos de Panificação	2	2	3	1	1	9

A segunda fonte de informações utilizada permite analisar todo o mercado de trabalho - inclusive o emprego informal, importante lócus das pessoas que atuam em atividades artísticas e criativas. Trata-se da PNADC - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - do IBGE, que fornece dados estatísticos trimestrais, para o nível dos estados da federação, sobre características demográficas e socioeconômicas da população, como tamanho e condição de domicílio da população, educação, trabalho, rendimento, entre outros temas, com base em uma amostragem de domicílios.

O acesso se dá pelo seguinte link:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/default.shtm

No recorte setorial, os dados da Rais obedecem à classificação da CNAE 2.0, identificando-se 54 setores da Economia Criativa. Para o caso da PNADC, foi necessário

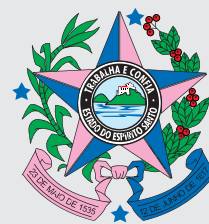
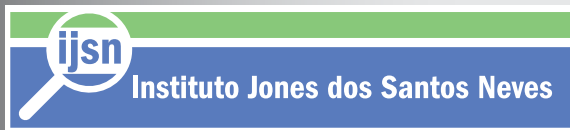
um esforço de compatibilização dos setores, haja vista que a sua classificação está baseada na CNAE Domiciliar (versão resumida da CNAE 2.0), com menor detalhamento e, portanto, mais adensamento entre as atividades, tendo-se totalizado 25 classes de atividades.

No caso do recorte ocupacional, importam as profissões dos trabalhadores, independentemente de qual setor esteja vinculado. Assim, outro esforço metodológico foi elaborar uma classificação das ocupações criativas, utilizando-se a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO 2002. Como a base estatística proveniente dos dados da Rais vale-se da mesma classificação, foram identificadas 304 ocupações consideradas criativas, agrupadas em cada segmento. Por sua vez, a PNADC utiliza a base de dados da CBO Domiciliar, uma versão bastante resumida e adensada para classificar as profissões, sendo possível identificar 63 ocupações criativas distribuídas setorialmente. O Quadro 3 sintetiza as duas fontes básicas utilizadas para fins de medição da Economia Criativa no Espírito Santo.

Quadro 3 - Comparativo do número de setores e de ocupações das principais fontes

Segmento	Base RAIS		Base PNADC	
	Setor	Ocupação	Setor	Ocupação
Design	6	27	3	6
Teatro (artes cênicas)	4	43	1	8
Artesanato	2	62	3	11
Música	2	21	1	2
Audiovisual	8	30	3	3
TIC	7	15	3	16
Festas e celebrações	5	6	3	1
Gastronomia	3	16	3	5
Publicidade	4	11	2	3
Patrimônio e Artes	2	15	1	4
Editorial	9	13	1	3
P&D	2	45	1	1
DTotal	54	304	25	63

Fonte: Elaboração do autor



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Economia e Planejamento